

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

DARLIZE MARTINEZ SILVEIRA

**“SUBURBANOS SURTIU POR QUE NÓS ERA TUDO DESSA ZONA, ASSIM,
DO SUBÚRBIO...”: O CLUBE SUBURBANOS ENQUANTO RESISTÊNCIA
NEGRA**

**Jaguarão
2015**

DARLIZE MARTINEZ SILVEIRA

**“SUBURBANOS SURTIU POR QUE NÓS ERA TUDO DESSA ZONA, ASSIM,
DO SUBÚRBIO...”: O CLUBE SUBURBANOS ENQUANTO RESISTÊNCIA
NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de História-
Licenciatura da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em
História.

Orientador: Caiuá Cardoso Al-Alam

**Jaguarão
2015**

DARLIZE MARTINEZ SILVEIRA

**“SUBURBANOS SURTIU POR QUE NÓS ERA TUDO DESSA ZONA, ASSIM,
DO SUBÚRBIO...”: O CLUBE SUBURBANOS ENQUANTO RESISTÊNCIA
NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de História-
Licenciatura da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título em Licenciado em
História.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam
Orientador
UNIPAMPA

Prof. Me. Jônatas Marques Caratti
UNIPAMPA

Prof. Dra. Letícia de Faria Ferreira
UNIPAMPA

Dedico este trabalho a todos que de uma forma ou de outra, estiveram presentes nessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer coisa, vejo-me obrigada a colocar aqui a importância de ingressar em um curso superior, mas, sobretudo, da importância de ingressar no curso de História- Licenciatura. Digo isso, levando em consideração as várias visões que essa disciplina nos coloca para que possamos abrir e aprimorar nossa visão de mundo, que na maioria das vezes, quando chegamos ao mundo acadêmico, é muito simplista e até mesmo errônea. Por isso, primeiramente quero e devo agradecer a essa disciplina pelo novo olhar que fui capaz de adquirir através desses quatro anos.

Aproveitando a deixa, agradeço ao meu orientador Caiuá Cardoso Al- Alam por ter acreditado na minha pesquisa e por todos os esforços voltados para que fosse capaz de concluí-la.

Também deixo aqui registrado meu profundo agradecimento a minha irmã Dynara pela insistência, antes mesmo da conclusão do ensino médio, para que eu entrasse em um curso superior. Muito mais que isso, agradeço por ter sido elemento fundamental para que eu conseguisse chegar aqui.

Quero agradecer também a Izoleida e Nelly, mãe e vó, por estarem sempre do meu lado, apoiando e ajudando de forma incansável durante esses anos. Sem elas, com certeza, eu não estaria aqui. Digo, sem duvidar, esse diploma é para vocês! Deixo aqui, um agradecimento especial a minha irmã Celiana e minha dinda Marta. Agradeço também ao meu pai.

Agradeço a todos os colegas que estiveram nessa caminhada, pela amizade e companheirismo, ao coletivo PET-História, que também foram importantes para o alcance conclusão deste trabalho, com os muitos debates realizados na 105. Debates esse que foram importantíssimos para a conclusão desse trabalho.

Quero agradecer a Fladiane, à Izadora, à Marselle, à Katarine, que mais do que simples colegas, foram amigas e companheiras em todos os momentos dessa trajetória. Ambas, passamos pelas mesmas agonias e aflições, seja, pré-seminário, ou antes, de alguma prova. Mas não poderia de dedicar um agradecimento especial à Carol, que mais do que dito anteriormente, foi minha dupla e companheira de trabalhos, seminários e estágios! Agradeço, também, a Jéssica Brião Nunes que esteve presente durante boa parte dessa trajetória, com todo apoio, carinho e companheirismo.

Por fim, agradeço aos meus professores por todos os saberes e ensinamentos!

Obrigada!

RESUMO

Neste trabalho vamos abordar o surgimento e a trajetória do Clube Social Suburbanos, localizado na cidade de Jaguarão/RS. Essa instituição, que surgiu a partir de um bloco de carnaval e serviu como um meio de inclusão do negro na sociedade, além da posituação de uma identidade negra. Através de entrevistas, pesquisas em documentos (atas e estatuto) e da análise de imagens, identificaremos as relações protagonizadas pelos indivíduos dentro desse espaço.

Palavras-Chave: Movimento Negro, Clube Social Suburbanos, Jaguarão.

RESUMEN

En este trabajo vamos a abordar el surgimiento y la trayectoria del Club Social Suburbanos, localizado en la ciudad de Jaguarão/RS. Esa institución, que surgió a partir de un bloque de carnaval y sirvió como un medio de inclusión del negro en la sociedad, además de la positividad de una identidad negra. A través de entrevistas, investigaciones en documentos (actas y estatuto) y del análisis de imágenes, identificaremos las relaciones protagonizadas por los individuos dentro de ese espacio.

Palabras clave: Movimiento Negro, Club Social Suburbanos, Jaguarão/RS.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Bloco Suburbanos, fantasia de marinheiro. Carnaval de 1952.....	34
FIGURA 2 – Primeiro presidente e fundador do Clube Social Suburbanos, João Carlos Machado, carnaval de 1973	38
FIGURA 3 – Proposta de sócios do Clube 24 de Agosto.....	42
FIGURA 4 – Diretoria Feminina.....	45
FIGURA 5 - Visita entre Clubes	46
FIGURA 6 – Convite de coroação da rainha do Suburbanos, endereçado à diretoria do Clube 24.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL.....	14
1.1 Articulações do Movimento Negro	14
1.2. O surgimento dos Clubes Sociais Negros	22
“- SUBURBANOS SURGIU POR QUE NÓS ERA TUDO DESSA ZONA, ASSIM, DO SUBÚRBIO NÉ, ENTÃO...”	34
2.1 O surgimento do Clube Social Suburbanos.....	35
2.2. A trajetória do Clube Social Suburbanos	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendo abordar a cerca do surgimento e da trajetória do Clube Social Suburbanos, localizado na cidade de Jaguarão/RS; considerado, também, como um espaço de representação negra. Farei também considerações sobre o Movimento Negro no Brasil, suas articulações e fases. Além disso, abordarei sobre o surgimento dos Clubes Sociais Negros e pontuarei, brevemente, alguns dos principais clubes existentes no Estado.

O que me motivou a fazer este trabalho de conclusão de curso relacionado ao Clube Social Suburbanos foram alguns relatos referentes às pesquisas relacionadas ao Clube Social 24 de Agosto, também um clube negro localizado em Jaguarão. Nesses relatos surgiram várias falas citando o Suburbanos, porém não havia trabalho acadêmico de fôlego sobre o mesmo.

Sabemos da imensa importância que teve e ainda tem o Clube Social 24 de Agosto para a positivação dos negros, não apenas na cidade de Jaguarão, mas também em todo o estado do Rio Grande do Sul, pois atualmente, o Clube é referência. O “24”, além de ter sido tombado como Patrimônio de Memória da Cultura Afro-brasileira, devido à sua grande representatividade para a sociedade negra, foi também o primeiro clube a receber o título de Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.

Logo, minha primeira indagação ao realizar as pesquisas para esse trabalho foi qual o motivo que, quarenta e quatro anos depois, levou um grupo de amigos negros a fundar o Clube Social Suburbanos. Seria uma dissidência do Clube 24? Essa dissidência seria motivada pela não representação desses negros dentro do próprio 24? E o Suburbanos, teve seu papel na positivação da identidade negra?

Quais mecanismos esses indivíduos do Suburbanos forjaram para que o Clube funcionasse por um longo tempo? Essas são algumas das questões que traçam as pesquisas deste trabalho na tentativa de respondê-las.

No primeiro capítulo abordarei o surgimento do Movimento Negro no Brasil, mostrando, sobretudo, qual a principal ideia a qual os integrantes desse movimento se uniram. Logo em seguida, abordarei as fases desse Movimento, salientando, em cada uma delas, as principais correntes em torno dele. Serão utilizados temas dos debates propostos, pelos próprios coletivos, que foram importantes para a consolidação desse Movimento.

E dentro das fases do Movimento Negro, tratarei dos principais aspectos que as identificam, e as entidades e/ou associações que surgiram em cada momento, usando

como exemplo principal, no andamento do trabalho, desse associativismo negro, os clubes sociais negros.

Depois de tecer acerca do Movimento Negro, abordarei sobre o surgimento dos Clubes Sociais Negros, fazendo uma breve caracterização dos principais clubes existentes no Rio Grande do Sul, trazendo, sobretudo, os principais trabalhos acadêmicos sobre os mesmos.

No segundo capítulo, tecerei a respeito do Clube Social Suburbanos, especificamente do seu surgimento e sua trajetória. As informações as quais serão utilizadas nesse capítulo, advém do Estatuto e do primeiro Caderno de Atas dessa sociedade. Outras informações são fontes de entrevistas realizadas com membros que tiveram parte na diretoria.

Alguns membros, as quais terão voz nesse trabalho, são: Clodoveu Batista Soares, ex-presidente do Suburbanos; Sônia Maria Barbosa Aguiar, ex-presidenta e primeira mulher a ocupar este cargo; Marlí Machado, membro da diretoria feminina e filha de um dos fundadores e ex-presidente; Aldací Machado; Neir Madruga Crespo, atual presidente do Clube 24 de Agosto; Pedro Ivo Ferreira, ex-presidente do Suburbanos.

A metodologia realizada nesse trabalho, especialmente no segundo capítulo é a história oral. Algumas entrevistas foram realizadas dentro do PET-História, enquanto outras foram realizadas apenas por mim. Dentro do PET, depois de realizarmos as entrevistas, dividíamos entre nós e fazíamos a transcrição. Logo depois, liamos e escutávamos em conjunto a acertávamos algumas partes. Depois de todas as entrevistas transcritas, elas foram impressas, encadernadas e colocadas à disposição em nosso banco de dados, na sala 105, da Unipampa.

As entrevistas que eu realizei, eu também tive todo o cuidado de transcrevê-las, escutar e corrigi-las, e depois selecionei o que seria mais apropriado para tornar público, nesse trabalho.

Ao elaborar este projeto de pesquisa sobre o Clube Social Suburbanos, levei em conta a importância das fontes orais, dos indivíduos que estiveram presentes tanto no surgimento, quanto na trajetória do Suburbanos e neste segundo capítulo, ao abordar sobre esse Clube, darei voz à esses indivíduos e suas memórias. Para Halbwachs,

O indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito. (apud SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288)

Essas entrevistas serão trabalhadas ao longo do capítulo, para que possamos entender das situações que ocorriam nessa sociedade e de que forma essas mesmas ocorriam. Elas vão ser de suma importância para que possamos entender as estratégias que esses indivíduos usaram para não apenas criar um espaço só deles, mas também para se impor contra uma sociedade racista e mostrar que eles também eram capazes de se organizar e conquistar seus próprios espaços.

Além das entrevistas feitas por mim, utilizarei também entrevistas realizadas dentro do PET-História¹. A proposta inicial do projeto, é realizar entrevistas com afrodescendentes da cidade de Jaguarão e a partir dos relatos, construir materiais didáticos educativos para os professores da rede pública. E essas entrevistas, depois de realizadas, serão transcritas e ficarão a disposição de quem se interesse em pesquisá-las, no Laboratório de História Social e Política do curso de História-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa.

Outro meio buscado para a realização dessa pesquisa foi a utilização dos documentos dessa sociedade, que condiz em um Caderno de Atas, dos primeiros anos do Suburbanos, e o Estatuto, que foi criado no ano de 1965.

Esses documentos foram de extrema importância para que fosse possível enxergar as relações que ocorreram dentro do espaço pesquisado e entre os indivíduos que estavam inseridos nele. Logo, teremos noção de como eram as relações dentro dessa sociedade, como elas eram articuladas e como os indivíduos se articulavam entre si.

Ao longo do trabalho, mostrarei algumas fotos, que foram concedidas pela senhora Marlí Chagas, que nos remetem aos “tempos” do Suburbanos. Temos uma foto do Bloco, que deu origem ao clube e algumas fotos das festividades carnavalescas que lá aconteciam. Não são fotos meramente ilustrativas, são de suma importância e sensibilidade para que as relações e os indivíduos que estavam presentes naquele período não ganhem apenas voz, neste trabalho, mas também algo, um rosto.

Creio, que a partir do momento que o indivíduo se aventura em fazer um trabalho de pesquisa, ele precisa se envolver inteiramente com a “história” pesquisada e, principalmente, se despir de velhos estigmas e preconceitos.

Quando, à nove meses atrás, eu comecei a me envolver com leituras, dentro do grupo PET- História, não imaginaria o quão intensa seria essa relação de pesquisador-pesquisa. Pois, em alguns momentos da trajetória da pesquisa, bate certas crises sobre o porquê de tudo isso, sobre a dúvida e as indagações que talvez não serão respondidas.

¹ Ver mais em <http://pethistoriaunipampa.blogspot.com.br/>

1. O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL

Neste primeiro capítulo abordarei o surgimento do Movimento Negro no Brasil, mostrando, sobretudo, qual a principal ideia a qual os integrantes desse Movimento se uniram. Juntamente, abordarei suas fases, salientando, em cada uma delas, as principais correntes em torno dele. Serão utilizados temas dos debates propostos, pelos próprios coletivos, que foram importantes para a consolidação desse Movimento. Dentro dessas fases, tratarei dos principais aspectos que as identificam, e as entidades e/ou associações que surgiram em cada momento, usando como exemplo principal, no andamento do trabalho, desse associativismo negro, os clubes sociais negros.

Além de tratar do surgimento dos clubes sociais negros, tratarei também dos principais Clubes do estado do Rio Grande do Sul, caracterizando-os brevemente e, sobretudo os de Jaguarão, caso do Clube Social 24 de Agosto e o Clube Social Suburbanos, o qual é o foco deste trabalho.

Para fazer essa narrativa acerca desses espaços, vou usar conceitos pertinentes para o entendimento da criação dos mesmos e sua importância para a inclusão dos negros na sociedade e a positividade de sua identidade. Entre alguns destes conceitos estão: identidade, espaço de sociabilidade, memória, associativismo negro.

1.1 Articulações do Movimento Negro

O Movimento Negro, organizado durante a República (1889-2000), ao tomar forma, tem o objetivo de uma mudança social, ou seja, a luta dos negros em relação aos problemas existentes na sociedade, que surgem principalmente dos preconceitos e das discriminações raciais, que os levam a ser marginalizados nos mais diversos setores da sociedade. É no período republicano que esse movimento, segundo Domingues (2007), assume um caráter de “movimento político de mobilização social”. Para Pinto:

Movimento Negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. (DOMINGUES, 2007, p. 101 apud PINTO, 1993).

É importante, também, deixarmos claro que esse movimento não ficou estático em uma década ou outra, ele vem perpassando gerações, desde sua criação, mantendo

sempre um diálogo com a sociedade atual. Como nos afirma Domingues (2007), o Movimento Negro é o:

Sujeito político que canaliza os interesses, as reivindicações e o projeto político da coletividade negra. Deve-se apreender a emergência do movimento negro em um processo que lhe configura significação histórica. Esse movimento não está inerte ou isolado em seu tempo. Pelo contrário, ele está em permanente dinamismo e diálogo com a sociedade abrangente (DOMINGUES, 2007, p. 28).

Esse Movimento vem sendo construído desde o período da abolição. Período esse, até a Constituição de 1988, onde pela primeira vez ficou determinado que o racismo é crime e também inafiançável, em que os negros eram proibidos de frequentar certos espaços tidos como “espaços de/para brancos”.

Além dessa proibição em relação aos espaços de sociabilidade, a população negra também sofria da dificuldade relacionada às questões de trabalho, pois só lhes eram ofertados ocupações que eram consideradas, pelos brancos, estigmatizadas, entre alguns deles, serviços domésticos, de ambulantes, trabalhos na zona rural, em fábricas, entre outros. Onde o negro ficava sempre em segundo plano, onde não era visto, ocupando trabalho braçal, desqualificado. Realidade, essa, que ainda vemos muito atualmente, principalmente, nos programas de televisão que colocam personagens negros sempre como domésticas, ambulantes, sem teto e sem estudo, ou seja, em segundo plano, sem protagonismo algum.

Desde então, os negros começam, aos poucos, uma luta em prol de seus direitos, visando também melhores condições de vida, e não obstante, iniciaram também uma luta contra o preconceito racial.

Aos poucos, então, eles forjam espaços de sociabilidades onde, inicialmente, os brancos não podem frequentar, buscando assim, legitimar a sua luta pela busca de seus direitos e o empoderamento de uma identidade negra positiva. (SILVA, 2011)

Foi de extrema importância para a legitimação desse movimento, que os negros se unissem em torno do fator “raça”. Assim, a união em torno do conceito de raça acabou ajudando na busca pelos direitos e pela positivação da identidade negra. Como nos afirma Domingues (2007), para o movimento negro, a “raça”, e, por conseguinte, a identidade racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas (p. 101-102). Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator que determinou essa organização dos negros em torno desse projeto de positivação e legitimação da identidade negra.

O conceito de “raças humanas” foi muito divulgado até primeira metade do século XX. Segundo Schwarcz (1993), a partir do século XIX, quando esse conceito é

introduzido na literatura, acontece uma nova orientação intelectual, onde a raça seria o novo suporte intelectual que “(...) se concentrava na ideia de raça, que em tal contexto cada vez mais se aproximava da noção de povo”. (SCHWARCZ, 1993, p. 63)

Surgia também um discurso racial que definia as questões em torno da cidadania, onde cada indivíduo teria atributos de acordo com sua raça. E como sabemos a “raça branca” desde então, é vista como superior, capaz, enquanto a dita “raça negra”, inferior. Ideias essas, formadas a partir de um saber construído como ciência, denominações biológicas. “O discurso racial surgia, como variante do debate sobre a cidadania, já que no interior desses novos modelos discorria-se mais sobre as determinações do grupo biológico do que sobre o arbítrio do indivíduo” (SCHWARCZ, 1993, p. 63).

O uso desse conceito não estava restrito apenas ao senso comum, mas também dentro do meio acadêmico, onde era posto que os grupos étnicos (negros, índios e brancos) tem diferenças genéticas, biológicas, intelectuais, além de outros traços marcantes que os tornam diferentes entre si.

Esse proposto de que esse conceito de “raça” poderia ser aplicado aos indivíduos, foi o respaldo para que se afirmasse que a “raça branca” estava no topo, ou seja, a melhor, mais hábil, mais forte e com mais capacidade de adaptação a diversos meios e situações, colocando assim, as “outras raças” como inferiores. Mas, para Muniz Sodré, a ideia de raça não é mais sustentada:

É certo que, meio século atrás, não era tão divulgada a certeza, agora corrente na aprendizagem da ciência biológica, de que o conceito de raça é inviável se aplicado a seres humano. Raça, que implica indivíduos com patrimônios genéticos diferentes, não existe (a menos que se fale em “raça humana”). (SODRÉ, 1999, p. 193)

Partindo do princípio de que os negros estavam sendo colocados, não apenas como outra raça, mas também como uma raça inferior à raça branca, eles passaram a se apropriar desse termo, como um vetor identitário, como forma de legitimar a busca por direitos, o combate ao racismo e, sobretudo por espaços próprios que positivassem sua identidade.

Esses espaços não ficavam restritos entre um e outro. Podemos, entre tantos, citar alguns, como grêmios beneficentes, entidades religiosas, culturais, políticas, sociais e principalmente os clubes sociais. Mas esse espaço que aos poucos vai sendo adquirido não fica restrito apenas a essas entidades, surgem outros meios, como os jornais, que foram utilizados pelos negros para a circulação de notícias do seu interesse,

visto que nos jornais direcionados aos brancos, não havia nada que fosse de interesse a população negra, principalmente sobre o seu Movimento.

O principal meio de circulação de notícias que surgiu durante esse movimento foi a chamada “imprensa negra”. A imprensa negra era composta por jornais e periódicos, escritos por negros, que tinha o objetivo de disseminar informações que os mesmos não tinham acesso. Porém esse meio de circulação de notícias era um forte aliado dentro desse movimento, pelo motivo de que tratava, principalmente, das questões de luta e mobilização dos negros.

Em seu trabalho, Domingues (2007) traz o relato de um dos principais dirigentes da época, José Correia Leite, que deixa claro que [...] a comunidade negra tinha necessidade de uma imprensa alternativa, que transmitisse informações que não se obtinha em outra parte [...]’’(DOMINGUES, 2007, p.104).

Um dos principais jornais negros que teve o maior tempo de circulação no Brasil foi o jornal A alvorada, fundado na cidade de Pelotas/RS.

Aos cinco dias do mês de maio do ano de 1907 saía às ruas da cidade de Pelotas o primeiro número do jornal A Alvorada, idealizado por um grupo de jovens negros. Os fundadores tinham em comum, além da cor da pele, e da consequente experiência de discriminação racial o que lhes colocava o anseio pelo fim desses preconceitos, o fato de serem operários com os destinos da classe. (SILVA, 2011, p.136)

O jornal circulou entre os anos de 1907-1965. Configurou-se como um jornal de defesa da comunidade negra, onde através dele eram anunciados assuntos de interesse aos negros, entre eles, as atividades das associações negras, medidas políticas de suma importância na classe de trabalhadores negros e, sobretudo, denúncias contra o racismo.

Segundo Silva (2011), os artigos pesquisados desse jornal abordavam duas principais ideias desse movimento: as questões de raça e identidade. Através da discussão e debate desses artigos tinha-se a busca e a defesa de uma identidade racial positiva.

O A Alvorada foi fundado por trabalhadores, em sua maioria negros, que ansiavam em transmitir, através do jornal, informações importantes para a causa desses mesmos trabalhadores. Sua circulação não se limitava apenas à cidade de Pelotas. Circulava em outras cidades, como Rio Grande, Canguçu, Bagé, Jaguarão e Alegrete. (SANTOS, 2003, apud SILVA, 2011, p. 139).

Os jornais também traziam denúncias do regime de “segregação racial”, onde a população negra era proibida de frequentar lugares de sociabilidade, dentre os mais

variados, onde as pessoas ditas brancas sentiam-se incomodadas com a presença de negros, por pensarem serem superiores a eles.

Todos esses variados espaços de sociabilidade, além de servirem como um meio comum de socialização entre os membros da população negra, serviram também para que sua identidade, além de reforçada, fosse positivada em torno de um projeto de ação comum. Esse projeto é aqui colocado como a luta contra o preconceito, inserção do negro na sociedade e a luta por melhores condições de vida. Mas de que forma a identidade é expressa nesse contexto?

A identidade aqui não é percebida como algo essencializada, construída por um grupo fechado, mas a partir de um contraste com o “outro”, ponto fundamental para a ideia de identidade que se forma de maneira contrastiva, relacional e de contexto, sempre dependendo do momento que determinado coletivo agencia sua experiência (BARTH, 1998). Logo, percebemos que essa busca de identidade, que se dá com a criação dos diversos espaços, parte do princípio que existe uma identidade que se julga acima de qualquer outra, falamos aqui dos não negros, e outra identidade que por estar sendo suprimida pela primeira, acaba criando mecanismos de reconhecimento da mesma e também uma afirmação.

Assim, esses espaços de sociabilidade foram ganhando cada vez mais visibilidade dentro das populações, sobretudo a partir dos anos 30, com a criação da Frente Negra Brasileira, ainda na primeira fase do Movimento Negro, que veremos mais adiante.

A primeira fase do Movimento Negro se configurou da Primeira República ao Estado Novo, de 1889 a 1937. Nesse período, a população negra não tinha nenhum direito, ou benefícios assegurados pelo sistema político vigente. E foi com a tentativa de mudar esse processo que libertos, ex-escravos e seus descendentes tomaram a iniciativa de articulação de movimentos de mobilização racial negra no Brasil, com a criação de espaços de sociabilidade, os quais já foram citados anteriormente.

Porém, foi com a criação da Frente Negra Brasileira, que essa fase do movimento negro se intensificou. A Frente Negra Brasileira teve origem na cidade de São Paulo, em 1931 e já na metade do século XX tornou-se a maior entidade negra do país, sendo a primeira de cunho político.

Logo, com a criação da Frente, com caráter político o Movimento Negro passa de um movimento apenas cultural, para movimento de luta. Assim, como destacado por Pereira, a Frente Negra Brasileira estabeleceu uma “[...] busca por uma atuação política

e a apresentação de demandas do movimento à sociedade e aos poderes públicos [...]” (PEREIRA, 2011, p. 03).

Mas essa luta não estava condicionada apenas aos homens. As mulheres também estavam engajadas em várias atividades dentro da Frente Negra Brasileira, e dentre elas, estava a Cruzada Negra, que mobilizava as mulheres em causas assistencialistas. Outra comissão era chamada de Rosas Negras, que ficava responsável por bailes e festivais artísticos. Segundo Francisco Lucrécio, antigo ativista:

Eram mais assíduas na luta em favor do negro, de forma que na Frente [Negra] a maior parte eram mulheres. Eram um contingente muito grande, eram elas que faziam todo o movimento. (apud DOMINGUES, 2007, p. 106).

A Frente tinha diversos grupos espalhados pelo país, assim, conseguiu fazer com que o movimento negro viesse a se tornar um dos maiores movimentos de mobilização de massa. Segundo Domingues, a Frente Negra Brasileira arregimentou milhares de “pessoas de cor”, conseguindo converter o Movimento Negro Brasileiro em movimento de massa. (DOMINGUES, 2007, p.106).

Ao mesmo tempo em que a Frente Negra Brasileira teve um grande avanço dentro do movimento negro, muitas críticas surgiram ao longo da sua organização. A principal causa dessas críticas, “[...] estava ligada à forte influência do movimento integralista, marcado pelo ideário fascista [...]” (BARROS, 2003, p. 12). Mas apesar dos diversos empecilhos enfrentados, a Frente Negra Brasileira é considerada uma das principais organizações do Movimento Negro Brasileiro, tendo em sua trajetória, diversas conquistas para a população negra.

A segunda fase desse movimento ocorreu durante os anos de 1945-1964, da República até a Ditadura civil-militar. Temos nesse período um cenário de intensa repressão política causada pela instauração do Estado Novo (1937-1945), onde os movimentos sociais com caráter contestatório foram “fechados”. Mas logo após a queda da ditadura varguista, os movimentos sociais retomam e, sobretudo o movimento negro passa a ganhar maior visibilidade. Tanto em relação da participação feminina, quanto da imprensa negra que ganha maior impulso com a publicação de diversos jornais de protesto, em todo o país. (DOMINGUES, 2007)

Surgem, também, vários grupos com objetivo de lutar contra o preconceito e ideias antiracistas. Entre eles a UHC (União dos Homens de Cor) e o TEN (Teatro Experimental Negro), foram os que ganharam maior visibilidade.

A UHC foi uma organização do Movimento Negro, que se propagou por diversos estados brasileiros: “Os conceitos dessa organização eram semelhantes aos praticados pela FNB, em relação à integração do negro na sociedade brasileira através de sua “educação” e sua inserção no mercado de trabalho.” (PEREIRA, 2011, p. 09).

Domingues descreve a UHC da seguinte forma:

Também intitulada Uagacê ou simplesmente UHC, foi fundada por João Cabral Alves, em Porto Alegre, em janeiro de 1943. Já no primeiro artigo do estatuto, a entidade declarava que sua finalidade central era “elevar o nível econômico, e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades”. A UHC era constituída de uma complexa estrutura organizativa. (DOMINGUES, 2007, p. 108)

Essa organização teve engajamento na busca de debates relacionados com temas importantes para a população negra, ganhando assim, maior credibilidade em vários estados do Brasil.

Outra organização de suma importância para o Movimento Negro foi o Teatro Experimental do Negro (TEN). Criado no Rio de Janeiro, em 1944, por Abdias do Nascimento, o TEN pode ser considerado como uma das principais organizações do movimento negro, nesse contexto de sua criação. Guimarães o descreve da seguinte maneira:

De fato, os propósitos de integração do negro na sociedade nacional e no resgate da sua autoestima foram marcas registradas do Teatro Experimental do Negro. Através do teatro, do psicodrama e de concursos de beleza, o TEN procurou não apenas denunciar o preconceito e o estigma de que os negros eram vítimas, mas, acima de tudo, oferecer uma via racional e politicamente construída de integração e mobilidade social dos pretos, pardos e mulatos. (GUIMARÃES, 2002, p. 108)

Sobre as ações realizadas pelo TEN, Domingues descreve que:

A proposta original era formar um grupo teatral constituído apenas por atores negros, mas progressivamente o TEN adquiriu um caráter mais amplo: publicou o jornal Quilombo, passou a oferecer curso de alfabetização, de corte e costura; fundou o Instituto Nacional do Negro, O Museu do Negro; organizou o I Congresso do Negro Brasileiro; promoveu a eleição da Rainha da Mulata e da Boneca de Pixe; tempo depois, realizou o concurso de artes plásticas que teve como tema Cristo Negro, com repercussão na opinião pública. (DOMINGUES, 2007, p. 109).

Com essas descrições feitas por Domingues e Guimarães, fica claro que o TEN foi uma importante arma para o combate ao preconceito e ao racismo.

Em 1946, o Movimento Negro acaba sofrendo um isolamento político, ou seja, não tinha apoio nem da esquerda e nem da direita, isso se dá devido à negação de um

projeto de lei antidiscriminatória levado a Assembleia e negado pelo Partido Comunista Brasileiro. A justificativa para a negação desse projeto, dada pelo Partido Comunista Brasileiro, foi de que essa lei “restringia o conceito amplo da democracia”. Para Domingues (2007) a visão de tal partido, era que “[...] reivindicações específicas dos negros eram um equívoco, pois dividia a luta dos trabalhadores [...]”, sendo assim, deveriam ser barradas.

Em 1964, com o golpe militar, a luta política dos negros sofreu uma queda. O Movimento Negro e seus militantes passaram a ser vistos como um problema para o país, visto que, apesar dos brancos pensarem que eles eram incapazes de organizarem-se, eles acabam mostrando o contrário.

Para os militares, não existia o racismo no Brasil, devido à tese da democracia racial referendada por Gilberto Freyre. Foi só na década de 1970 que o Movimento se reorganizou novamente, junto com a ascensão dos movimentos populares, sindical e estudantil.

Com o golpe militar de 1964, os movimentos passaram a ser repreendidos, e com isso o Movimento Negro passou a entrar em refluxo. Cunha Jr. nos aponta os principais problemas enfrentados pelos grupos de lutas antiracistas:

“[...] nessa época tínhamos três tipos de problemas: isolamento político, ditadura militar e o esvaziamento dos movimentos passados. Posso dizer quem em 1970 era difícil reunir mais que meia dúzia de militantes do movimento negro [...]”. (CUNHA, 1992 apud DOMINGUES, 2007, p. 111).

Foi só em 1978 que o movimento negro retorna, de fato, para o cenário político do país, com a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU). Inicia-se então, a terceira fase do movimento negro.

Os integrantes desse movimento se inspiraram em algumas lideranças projetadas das lutas dos negros estadunidenses, entre elas, Martin Luther King, Malcon X, e representações femininas como Luiza Mahin e Dandara, que é vista como a face feminina de Palmares e foi de extrema importância na luta contra a libertação de negros e negras. Se inspiraram também em algumas organizações negras marxistas. Assim, o movimento negro unificado acaba assumindo um caráter mais radicalizado, com discursos voltados contra a discriminação racial.

Juntamente com o MNU, nasce a proposta de união de todos os grupos e organizações antiracistas em uma única luta, porém, quando falamos em “união de todos os grupos”, não estamos falando apenas na luta do negro, mas também, na luta de todos os oprimidos da sociedade. Segundo Domingues (2007, p. 115) “[...] pela

primeira vez na história, o movimento negro apregoava como uma de suas palavras de ordem a consigna: “negro no poder!”.

Nessa fase, há também uma interrupção do Movimento Negro na educação. São propostas várias revisões nos conteúdos, preconceituosos, onde o negro ficava restrito apenas ao papel de escravo, de inferior, sem história, entre outros. Aqui, se propõe a inclusão do ensino de história da África nos currículos escolares.

Entre tantas outras campanhas do Movimento Negro organizado que ocorreram nessa fase, talvez o principal objetivo tenha sido a inclusão do negro não apenas na sociedade, mas também dentro desses movimentos.

Era um dos objetivos do Movimento Negro que os próprios negros se vissem, e conferissem voz a si mesmos, relatando preconceitos e lutando contra a sociedade que cada vez mais os discriminava, e com isso afirmar cada vez mais a identidade do negro e também a cultura negra, no Brasil.

E é com o objetivo de afirmar cada vez mais a sua identidade racial, que os negros passam a formar laços de associações onde poderiam conviver livremente, sem preconceitos e proibições. É assim que a partir dos anos 30 associações negras surgem em todo o país.

1.2. O surgimento dos Clubes Sociais Negros

Os Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio (SILVEIRA apud ESCOBAR, 2010, p.61, SILVA, 2011, p. 111).²

Os Clubes Sociais Negros surgiram a partir de uma lógica de associativismo dos negros. Essa lógica consistia em uma organização dos negros em prol da construção de espaços para si e para os seus, onde pudessem frequentar e participar de atividades sem restrições ou preconceitos, já que eles não podiam frequentar espaços, principalmente clubes sociais, denominados “espaços de/para brancos”.

Porém, antes mesmo da criação desses espaços e de outras entidades associativas (clubes, irmandades religiosas, entre outros), já acontecia essa organização dos negros em prol de uma convivência entre os seus e na realização de práticas da sua cultura, exemplo disso, as irmandades religiosas.

²Essa definição para os Clubes Sociais Negros foi elaborada no ano de 2008, pela Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros dos Estados do RS, SC, SP, RJ e MG.

Contudo, não se organizavam apenas para esses fins. Além dessa organização de seus próprios espaços, eles também se organizavam com o intuito de ajuda mútua entre suas famílias.

Como nos afirma Silva (2011), em seu trabalho *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: Associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)*

O associativismo negro dá-se desde os tempos de cativoiro (...) para que fossem alcançadas melhorias nas condições impostas pela escravidão.

Os negros buscaram assim possibilidades de estarem entre os seus, (...) conviver com os seus comuns, os quais apresentassem costumes em comuns ou objetivos semelhantes, a fim de manterem laços de identidades com os seus (SILVA, 2011, p. 33).

Mas foi somente a partir dos anos 1930 que esse associativismo passou a ter maior visibilidade e os clubes sociais negros ganharam mais força e participação da comunidade a qual eram destinados. As organizações criadas passaram a ter mais força e ganhar maior participação dessa população.

Além de clubes e irmandades religiosas, surgem também meios de comunicação, como os jornais. Esses jornais serviam, para transmitir notícias que eram de interesse da população negra e que não eram postas em outros jornais, dedicados à população branca. Segundo Domingues (2007) esses jornais também serviam como instrumentos de denúncias de preconceito racial.

Os clubes negros surgem em um período de pós-abolição, onde a República estava sendo posta em prática e tinha como objetivo a construção de uma nova “identidade nacional”. Assim, como nos afirma Escobar (2010) “[...] os clubes sociais negros surgem em contraponto a uma ordem vigente e vêm de encontro aos clubes brancos que não permitiam a entrada de negros em seus quadros sociais”. Assim, apesar de todo o preconceito em relação à capacidade dos negros, os quais eram tidos como incapazes para o convívio em sociedade, eles se organizam e mostram o contrário.

Os ditos “Clubes Sociais” foram uma organização que surgiram, não apenas de cordões carnavalescos para que a população negra pudesse participar dos festejos de carnaval, mas também de times/clubes de futebol.

Loner e Gill (2009) em seu estudo, *Clubes Carnavalescos Negros na cidade de Pelotas*, ao abordarem esses espaços, caracterizam vários pontos sobre o funcionamento dos mesmos.

Nesses espaços, eram organizados todos os tipos de festividades, festas de aniversários, bingos, batismos, festas para arrecadação de verbas para os custeios do próprio local, bailes de carnaval, bailes em geral, entre outros.

É importante levarmos em conta, que esse trabalho é em relação aos clubes da cidade de Pelotas/RS. Mas, ao observarmos aspectos de outros clubes do estado, os quais serão abordados mais adiante, percebemos que esses mesmos aspectos eram bastante semelhantes. Loner destaca Que

Quanto à programação dos clubes, todos eles seguiam um mesmo padrão: festas em datas comemorativas, como aniversário da instituição, Dia das Mães, Dia dos Pais, além de quermesses, chás dançantes e, é claro, muita atividade carnavalesca. Nos anos 30 e 40 tiveram muito destaque os chamados festivais, que combinavam manifestações artísticas com cerimônias, como a coroação da rainha. Havia vários festivais ao ano, sendo que aquele do carnaval poderia durar mais de um dia. Naqueles momentos, os cordões faziam desfiles pelas ruas, buscando em casa as homenageadas e levando-as até o teatro em que seria desenvolvido o espetáculo, com muita pompa. (LONER, 2009, p. 17)

Loner destaca também, que os Clubes Sociais Negros foram de grande importância para a formação de uma identidade étnica positiva através da criação de concursos de beleza, onde as candidatas eram filhas, netas, esposas de dirigentes e sócios desses clubes. Esses concursos internos de beleza foram referências em reforçar e positivar a imagem do negro, que era visto de forma negativa perante a sociedade.

Esses concursos, que se disseminaram por todas as cidades e clubes do país, começaram, paulatinamente, a reforçar a autoimagem do grupo negro, visto, muitas vezes, de forma negativa na sociedade. (LONER, 2009, p. 17)

Aos poucos, esses espaços vão ganhando cada vez mais lugar dentro da sociedade e, sobretudo da própria comunidade negra, e ao passo que eles vão ocupando seus espaços, reforçando suas práticas, vão se politizando cada vez mais. Digo politizando cada vez mais por que o simples fato de pensarem sobre a necessidade de organizações ou instituições já pressupõe um ato político. Assim, esses clubes sociais negros passam a ser a mais importante ferramenta de inserção do negro dentro da sociedade.

A fundação de clubes étnicos para o divertimento de parte da comunidade negra, que possuía, no início do século XX, poucas possibilidades de espaços para a sociabilidade, foi um fenômeno que atingiu dimensões nacionais, sendo que o clube considerado mais antigo do país – o Clube Floresta Aurora de Porto Alegre - data de um período anterior à própria abolição da escravidão. (NUNES, 2010, p.33)

Nunes, em seu trabalho “*Somos o Suco do Carnaval!*” *A Marchinha Carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto*, nos elenca os principais clubes étnicos do estado do Rio Grande do Sul. Em Caxias do Sul, temos o Clube Gaúcho³; em Pelotas, que conta com inúmeras instituições dá-se destaque para os Clubes Carnavalescos Chove Não Molha e Fica Ahí Para ir Dizendo⁴; contamos também com o exemplo do Clube 13 de Maio⁵, localizado na cidade de Santa Maria; além do Clube Cruzeiro do Sul⁶, na cidade de Novo Hamburgo.

Além desses já citados acima temos em Porto Alegre, o Clube Floresta Aurora⁷, como já citado anteriormente, considerado o clube negro mais antigo do país. Não poderia deixar de elencar aqui, o Clube Social 24 de Agosto⁸ e o Clube Social Suburbanos, fundados na cidade de Jaguarão. Sobre esse último, o Clube Social Suburbanos, jamais foram realizados escritos acadêmicos de fôlego, até o momento.

A Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, considerada a sociedade mais antiga do país, foi fundada em dezembro de 1872. Inicialmente, essa instituição surgiu com um caráter beneficente, ajudando as famílias negras em caso de óbito, custeando o funeral e prestando assistência às mesmas.

Jesus (2005) traz o slogan que seus sócios e dirigentes do quadro diretivo fizeram para a apresentação dessa sociedade: *Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora. Fundada em 31 de dezembro de 1872 – Porto Alegre – RS – Brasil –Mais antiga que a própria liberdade de seu povo!* (grifo da autora)

Jesus (2005) afirma em seu trabalho, que o fato dessa sociedade ser a mais antiga da cidade, fez com que fosse dada ênfase às questões ligadas à causa negra. O Floresta Aurora era uma sociedade muito ligada aos festejos de carnaval, e como era considerado um clube de “elite”, sempre se esforçavam em fazer as melhores festas.

A autora, no seu trabalho aponta vários relatos de negros que não frequentavam o Clube citado, devido à questão financeira. A população dos bairros mais afastados da cidade, não frequentava clube.

(...) o Floresta, o pessoal de baixa renda da Barão, da Baronesa, não frequentavam, eu lembro. Eram só as “negras finas”, sabe, aquelas roupas bem alinhadas, tecidos finos, chapéus e a gente não tinha condições, a minha

³Pesquisado por Fabrício Gomes (2008).

⁴ Pesquisados pelas historiadoras Beatriz Loner e Lorena Gill (2007). O último foi também, objeto de estudo de Fernanda Oliveira (2008).

⁵ Pesquisado por Giane Escobar (2010).

⁶ Pesquisado por Magna Magalhães (2010).

⁷ Pesquisado por Nara Regina Dubois de Jesus (2005).

⁸ Pesquisado por Juliana Nunes (2010).

família não tinha pelo menos, não faltava nada em casa, mas condições para fazer vestidos e comprar chapéu não dava (...) (Jesus, 2005, p. 53).

Esses indivíduos considerados como parte da elite, procuravam estabelecer certas fronteiras com o chamado "povo", ou seja, a maioria da população negra. Porém, o que acontecia é que esses indivíduos muitas vezes não constituíam uma "elite", apenas possuíam um status de classe média. Esse status, por sua vez, vinha de como esse indivíduo se mantinha na sociedade, pois, a maioria dos indivíduos que atuavam na direção dos clubes, eram funcionários públicos, ou simplesmente tinham um emprego fixo, não trabalhando assim "por conta", e esse fato era um diferencial que os transformava em, segundo a autora, uma "elite negra". Característica essa que pode ser observada dentro do Clube Suburbanos, que muito apareceu nos relatos.

Foi no final da década de 1970 que um público "jovem" começou a adentrar o espaço dessa associação. O pessoal que era visto como a "velha guarda" do Floresta Aurora, foi ficando de lado, e juntamente, os grandes bailes que antes faziam sucesso, foram perdendo a prioridade.

Logo, quando esses "jovens" passam a fazer parte da diretoria, surge então, um envolvimento com entidades do movimento negro em Porto Alegre. Momento esse, propiciado pelo contexto que abrangia o período da ditadura militar, onde passaram a ser feitos questionamentos sobre a ordem vigente. Nesse momento, ocorre uma politização na cidade de Porto Alegre. Os negros criaram o Tição e propuseram, em 1971, a data de 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra.

E essa mudança do quadro diretivo do clube, deu espaço a mais atividades, como palestras e seminários, sobre a inserção do negro na sociedade, racismo, desigualdades social e econômica. Ou seja, começam a serem abordados e discutidos os vários problemas que a população negra enfrentava.

(...) um novo quadro diretivo, trouxe questões ligadas à chamada "causa negra" para as associações. Isso fez com que novos tipos de práticas políticas fossem adotadas pelos dirigentes dos clubes (...) (JESUS, 2005, p. 55)

É importante salientar, que dentro de associações como os clubes sociais, a escolha de membros desses espaços, sempre foi fundamental para o andamento da mesma, como nos afirma Jesus (2005). Dentro do quadro diretivo de cada entidade, temos presidentes, vice-presidentes e diretores seguidos de secretários, tesoureiros, conselheiros e assessores.

Mas, como colocado anteriormente, não apenas de cordões carnavalescos e festividades os clubes surgiram. Um exemplo disso é o Clube Gaúcho, situado na cidade de Caxias de Sul, que surgiu a partir de um clube de futebol, ou seja, um clube esportivo onde a principal atividade é o futebol.

Segundo Gomes (2008), a criação de times de futebol negros, assim como os clubes sociais e outras entidades, também faz parte de estratégias contra a discriminação racial. Conforme afirma Andrews,

[...] da mesma forma que os clubes sociais e as sociedades de dança, os clubes atléticos dos brancos praticavam uma rigorosa exclusão dos pretos e dos pardos. E, mais uma vez, a resposta dos afro-brasileiros a esta situação foi a criação de clubes dos negros, vários dos quais conseguiram considerável renome na cidade pela alta qualidade de seus times de futebol. (ANDREWS, 1998, p. 221-222)

O Sport Club Gaúcho também mantinha uma associação de Senhoras e Senhoritas, criada com o intuito de zelar pela harmonia das famílias e decorar a sede em dias de festas. Apesar de haver essa preocupação em manter um espaço feminino, assim como em outras associações, as mulheres ficavam restritas apenas a “zelar pela família” e serviços como “decoração dos espaços físicos” em dias de festas e comemorações.

Na cidade de Pelotas, contamos com dois principais espaços associativos, os Clubes Carnavalescos Chove Não Molha e o Fica Ahí para ir Dizendo. O primeiro foi fundado em 26 de fevereiro de 1919. Inicialmente, em uma alfaiataria, por um grupo que resolveu se organizar para desfrutar os festejos carnavalescos. A integração, de pessoas com desejo de participar dessa sociedade, foi tão grande que eles resolveram fundar o Grupo Carnavalesco Chove Não Molha, sendo eleito mais tarde, em um concurso realizado pelo jornal Folha do Povo, o cordão carnavalesco mais simpático.

Logo, quase três anos depois, em 27 de janeiro de 1921, é fundado o Clube Fica Ahí Para Ir Dizendo, também com o objetivo de brincar no carnaval. Uma das versões que Loner e Gill (2009) nos apontam em seu trabalho *Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas*, é que a criação deste foi uma dissidência do Chove Não Molha. Teria ocorrido por desentendimentos em jogos de futebol, entre os clubes América e Juvenil. Seus sócios, por terem uma posição mais estabelecida na sociedade, eram tidos como se fizessem parte de uma “elite negra”.

Mesmo que as principais atividades dessas sociedades fossem o futebol e o carnaval, por serem clubes destinados à população negra da cidade, eles acabavam virando a representação dessa mesma população. Na década de 30, com a criação da

Frente Negra Pelotense, esses clubes passaram a abrir suas sedes para as sessões realizadas pela Frente. Essas sessões muitas vezes incluíam atividades como leituras, aulas, debates, entre outros. Porém, segundo Loner e Gill (2009) “[...] mais particularmente sensível aos apelos da Frente pareciam ser os dirigentes do Chove”.

Em relação ao padrão moral sobre os sócios, o clube Fica Ahí para ir Dizendo era o mais exigente dentre eles.

O critério financeiro era importante, como forma de atender às exigências de caros vestidos e do fraque masculino, mas não o único, pois a manutenção do padrão de moralidade adequada também era tão importante quanto às posses materiais. Com isso, não se quer dizer que os demais não mantivessem um padrão moral, mas que, neste clube, ele atingiu um ápice nunca visto em nenhum dos demais, com o clube tentando implantar padrões de comportamento para seus sócios e, por extensão, para a comunidade negra (Loner e Gill, 2005).

Silva (2011) além de trabalhar sobre o surgimento e a trajetória desses dois importantes clubes sociais negros da cidade de Pelotas, também fez um trabalho de extrema importância, pois criou toda uma forma de pensar os clubes sociais como objeto de pesquisa. A autora parte de uma perspectiva de surgimento desses clubes através de cordões carnavalescos. Ou seja, antes de chegarem à denominação de clubes, foram antes chamados de cordões carnavalescos.

Esses cordões foram criados pela necessidade da população negra poder ter uma participação mais efetiva do carnaval da cidade de Pelotas. Porém, essas associações não ficam fechadas entre si, mantinham relações com a imprensa - destacamos aqui mais uma vez O jornal A Alvorada- e também com associações esportivas, como a Liga de Futebol Independente José do Patrocínio.

Esses cordões apresentaram grande inter-relacionamento social, não somente entre eles próprios, mas também com associações classistas ou esportivas, com destaque para a *Liga de Futebol Independente José do Patrocínio*, fundada em 10 de junho de 1919, e políticas, como a *Frente Negra Pelotense*, fundada em 10 de maio de 1933. (SILVA, 2011, p. 111)

A autora também nos apresenta uma série de associações que essas entidades possuíam. O clube Fica Ahí P’ra ir Dizendo, por exemplo, mantinha relações com o *Grupo Carnavalesco 24 de Junho* (1911-1933), o *Bloco dos Confeiteiros*, onde, segundo Silva (2011) era comum a participação de ambas as diretorias em posses, coroação de rainhas, dentre outras atividades. Mantinha também relações com a *Sociedade Recreativa Futurista* e com o *Grupo Carnavalesco Prazer e Alegria*. Outra

característica que merece destaque, em relação ao Fica Ahí, é que mesmo não tendo sede própria, eles alugavam o salão o qual estavam residentes a grupos externos, para bailes e festividades.

O Fica Ahí se diferenciou dos outros clubes negros pelo seu caráter rígido em relação ao controle de sócios. Para ser aceito, o indivíduo deveria ser um membro reconhecido da comunidade negra.

Em relação ao clube Chove Não Molha, este mantinha relações com as seguintes associações: *Cordão Aliança*; *Bloco das Borboletas*; *Filhas do Chove*; *Camisas Azuis Chovianos*; *Sociedade Recreativa Democráticos*; *Fantoches*; *Fantasia e Bloco das Sevilhanas* (carnavalescas).

Segundo Silva (2011), esse clube não mantinha normas extremamente rígidas em relação a novos sócios, sendo que possuía sócios de menor situação financeira. Destaque, também, para a relação do Chove com associações de caráter operário da cidade, como por exemplo, Sindicato dos Alfaiates; Liga Operária e União Sindical. Muitos sócios do clube eram trabalhadores, por isso essa relação com representações operárias que por muito tempo ajudaram o clube, porém, derivado dessa relação clube-operários, os membros do mesmo recebiam status de classista.

Não diferente de outros clubes, os de Pelotas também realizavam concursos de beleza. Como já citado anteriormente, esses concursos de beleza serviam, principalmente, para afirmar uma identidade negra e, sobretudo, de um novo padrão de beleza estética. Assim, tentavam mostrar que os critérios de beleza construídos a partir do branco não eram os únicos a serem seguidos. Logo, esses concursos de belezas realizados em clubes negros, foram fundamentais para uma estratégia de autoafirmação racial dos negros.

Outra sociedade que também tem sua importância para a população negra, em especial a de Santa Maria, é a Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, considerado patrimônio afro-brasileiro, criada no ano de 1903.

Santa Maria, por ser uma cidade ferroviária, teve uma forte participação de negros que foram de alta importância para o crescimento da mesma, e em especial para a fundação cultural Treze de Maio. Essa sociedade foi fundada por quarenta e sete cidadãos, e, como já citados anteriormente, o objetivo dessa criação foi para que os negros pudessem participar de festas e ter seu próprio lugar, visto que no momento de sua fundação os negros eram proibidos de frequentar espaços sociais tidos para brancos, em especial os clubes sociais. (ESCOBAR, 2010, p. 100)

Além dos vários assuntos referentes a essa sociedade e aos problemas enfrentados pelos negros, também tinham como pautas, a comemoração de duas datas importantes, o dia da abolição, “13 de Maio” e a Lei do Ventre Livre, que eram comemoradas com festas e discursos, tornando-se assim, uma respeitada entidade.

“O Treze” tornou-se uma entidade respeitada e frequentada por um grande número de sócios, pautada nos princípios de moralidade e rigidez da sociedade da época. O espaço físico que os associados dispunham para as atividades desenvolvidas era insuficiente. Após seis décadas de muitas atividades e cada vez mais associados foi elaborado e executado um projeto de ampliação e construção de um novo prédio para a Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio. Conforme depoimentos dos antigos associados (...) em 2001, a Sociedade chegou a ter oitocentos sócios efetivos, todos negros. (ESCOBAR; PADOIN, 2001, p. 6)

O Treze realizava diversas atividades como chás, conversas, os sócios também se reuniam para ler, ouvir música, jogar pingue-pongue e principalmente bailes. Os bailes eram o ponto alto dessa sociedade. Segundo relatos, o Treze possuía princípios morais muito rígidos.

Foi a partir da década de 80 que o Treze começou a sofrer com uma desestruturação. Muitas foram as causas dessa “queda” do Treze. Oliveira Silveira (2007) elenca algumas:

[...] desinteresse dos associados ou seu baixo poder aquisitivo aliado a fatores como a crise econômica, desemprego; clubes brancos abrindo suas portas também para negros entre as medidas adotadas para superar suas próprias crises; ingresso de pessoas brancas ou não-negras, inclusive assumindo a diretoria ou a presidência e gerando crise interna ao desgostarem associados. (SILVEIRA apud ESCOBAR, 2007, p. 102).

Logo, em 2001, essa sociedade se materializa em forma de um museu comunitário, com o objetivo de salvaguardar o patrimônio dessa sociedade. Em seu trabalho, *Clubes Sociais Negros: Lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*, Escobar (2010) analisa, depois de traçar a trajetória dessa sociedade, o Treze de Maio abordando a concepção de museu, abordando conceitos que fazem parte dessa temática e quais perspectivas se iniciam dentro do então Museu Comunitário Treze de Maio.

Na cidade de Novo Hamburgo contamos com um importante clube negro. Com base em *Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: Associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS)*, de Magna Magalhães, será traçado aqui uma breve caracterização e trajetória desse clube.

O clube Sociedade Cruzeiro do Sul foi fundado em 18 de outubro de 1922. Surgiu de uma união negra como uma forma de oposição à exclusão social. Inicialmente, surgiu a partir de um clube de futebol, o Sport Club Cruzeiro do Sul. E com a criação desse clube, os negros mostraram a popularização existente no futebol, criando assim redes de organização com o objetivo de se impor em relação às proibições de participarem de clubes de brancos.

Outra importante organização de futebol foi a Liga José do Patrocínio fundada, em 1919, na cidade de Pelotas. Foi fundada devido à necessidade da população negra em participar de times de futebol. Essa liga de futebol também mantinha relações com os dois principais clubes negros da cidade de Pelotas, Chove Não Molha e o Fica Ahí P'ra ir Dizendo.

A “febre do futebol” no Brasil atingiu diferentes segmentos sociais. Perceber o futebol como um esporte democrático não significa que ele fosse imune aos processos seletivos vigentes nas sociedades, sendo que essa discriminação poderia ser pela epiderme ou por condição social, como os operários pobres que eram discriminados de times mais elitizados da sociedade (Loner, 2001, p. 411).

Aos poucos, o Sport Club Cruzeiro do Sul passou a ter um caráter recreativo e social. A promoção de passeios e jogos possibilitava o contato com outros negros, oportunizando socialização (BARBOSA, 1983).

Além de organizações para reuniões dentro da própria cidade, a Sociedade Cruzeiro do Sul também convocava sócios e dirigentes de outras cidades do estado para reuniões em sua sede própria na cidade de Novo Hamburgo, movimento esse consequente do futebol. Assim, além dos jogos, aconteciam reuniões para discutir a respeito dos negros e suas associações em todo o Rio Grande do Sul. Logo, vemos que o Cruzeiro tinha forte ação política.

Aqui, como em outros clubes o papel que a mulher exercia era arrecadação de fundos, decoração da sede, entre outros. Em alguns relatos que a autora traz em seu trabalho, muitos são relacionados no ponto que as mulheres tinham o seu “próprio canto”, mas essas mesmas mulheres foram as que fortaleceram os laços de sociabilidade entre as famílias dos sócios e dirigentes dessa associação, assim, como em muitas outras, vemos assim, a importância da atuação das mulheres nesses clubes.

Em relação à abertura da associação para outros membros tinha-se um critério bem rígido de escolha. O objetivo era não fortalecer a imagem que a sociedade [branca] tinha dos negros, assim, era levado em conta critérios como embriaguez e desordem.

Já na cidade de Jaguarão, contamos com dois clubes sociais: o Clube Social 24 de Agosto e o Clube Social Suburbanos. Por hora, teceremos considerações sobre o primeiro, visto que ainda não foram realizados trabalhos acadêmicos sobre o segundo.

Juliana Nunes, em sua monografia "*Somos o suco do carnaval!: A marchinha carnavalesca e o cordão do clube social 24 de Agosto*" apresenta um pouco de como foi o surgimento do Clube 24, na cidade de Jaguarão e sua trajetória, através de entrevistas, realizadas pela mesma, com os fundadores e/ou diretores dessa sociedade.

O Clube Social 24 de Agosto teve sua fundação oficial, registrada no ano de 1918. Porém, é no ano de 1924, que criam o Cordão Carnavalesco União da Classe, a fim de que os membros e participantes do Clube 24 participassem do carnaval. Segundo Nunes (2010) foi em um contexto onde o Estado passou a agir com maior vigilância, principalmente sobre a população negra, quanto aos desvios de conduta. Esse período também estava sendo marcado pela entrada de imigrantes europeus, no Brasil, que eram “[...] tidos como verdadeiros símbolos do progresso e civilização, capazes de tornar o Brasil rico e próspero, segundo moldes europeus” (NUNES, 2010, p. 20).

É neste contexto mais amplo que, em 24 de agosto de 1918, quatro amigos negros se reuniram na noite - e aqui flano no tempo, imaginando esse turno livre como propício para os trabalhadores se encontrarem – e, nas palavras do Senhor Nergipe Machado, “resolveram por bem fundar o Clube 24”, pois não tinham a possibilidade de ingressar como sócios nos clubes da cidade. (NUNES, 2010, p.20)

Inicialmente, o lugar de encontro desses membros era o Círculo Operário de Jaguarão, que segundo Nunes, era uma instituição de caráter político e muito ligado à Igreja Católica. Nesse local eram realizadas várias atividades para os libertos e entre elas, a principal atividade era a alfabetização desses libertos.

Nunes (2010) aponta que até o momento de construção da atual⁹ sede do clube 24, os, seus integrantes dependiam de lugares emprestados para fazerem suas reuniões e/ou bailes e festas. Atualmente, essa sociedade ainda está de pé e é vista como uma das referências no Estado, como um clube negro. Sua sede foi tombada como patrimônio de memória da cultura afro-brasileira, devido à sua grande representatividade para com a sociedade negra. E mais do que isso, é importante ressaltar que o Clube 24 de Agosto foi o primeiro clube negro a receber o título de Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.

⁹ Localizada na Rua Augusto Leivas, 217

Ainda são realizados bailes, festas de aniversários, concursos de beleza e, principalmente várias atividades de cunho militantes, entre elas, a Semana da Consciência Negra, durante o mês de novembro.

Por fim, levando em conta todas essas associações e sua forma de representação da comunidade negra, percebemos que os clubes sociais negros foram de suma importância tanto para a positivação de uma identidade, para o fortalecimento de uma nova estética e também para o auxílio na busca de empregos, ou seja, teve forte influência na auto sustentação da comunidade negra inserida ao seu redor, no combate aos preconceitos e também no combate a estereótipos impostos aos negros.

2. “- SUBURBANOS SURGIU POR QUE NÓS ERA TUDO DESSA ZONA, ASSIM, DO SUBÚRBIO NÉ, ENTÃO...”

Neste segundo capítulo tecerei a respeito do Clube Social Suburbanos. As informações a quais tive acesso foram retiradas do Estatuto¹⁰, do primeiro Caderno de Atas¹¹ do Clube e de entrevistas realizadas com membros que tiveram parte na diretoria. São de suma importância a análise e pesquisa desses documentos para que possamos ter em mente todo um contexto de criação de relações e que nos mostram um cotidiano que na maioria das vezes não nos é mostrado. Segundo Silva (2013)

A análise dessas fontes e consequentemente dos espaços do quais faziam parte e do contexto histórico geral em que estavam inseridos, permite acessar parte do cotidiano das cidades no que tange a existências de normas sociais que segregavam racialmente. (SILVA, 2013, p.3)

O capítulo está dividido em dois subcapítulos. No primeiro subcapítulo falaremos sobre o surgimento dessa sociedade, a partir de que perspectiva surgiu, qual o propósito seus membros tinham e quais dificuldades tiveram durante o surgimento da mesma.

No segundo subcapítulo, será abordada a trajetória do clube, trazendo relatos de indivíduos que estavam presente na mesma, que poderão nos informar que tipo de atividades eram realizadas, quem podia frequentar, aspectos levados em conta para aceitação ou não de sócios, através de entrevistas. Nesse mesmo momento, faremos uma breve colocação sobre cordões e blocos carnavalescos.

¹⁰ Acervo do Clube Social 24 de Agosto

¹¹ Acervo do Clube Social 24 de Agosto

2.1 O surgimento do Clube Social Suburbanos



Figura 1: Bloco Suburbanos, fantasia de marinheiro. Carnaval de 1952. (Fonte: Acervo pessoal Marlí Chagas)

“- Suburbanos surgiu por que nós era tudo dessa zona, assim, do subúrbio né, então...” (SOARES, 2015).¹²

Década de 40, especificamente ano de 1949, eis que um grupo de amigos resolve se juntar e criar um bloco carnavalesco para “curtir” os festejos das noites de carnaval, na cidade de Jaguarão/RS. Essas festas carnavalescas são mais do que simples espaços de sociabilidade entre os indivíduos, Frydberg (2014) nos coloca que o carnaval também é “[...] um ambiente privilegiado de interação, criação e reafirmação de identidades”.

Esse referido grupo de amigos [negros] tinha o objetivo de poder participar das festas de carnaval junto com outros indivíduos que também eram excluídos de participarem de outros blocos.

[...] a gente começou a sair em 49, mas não tinha sede, não tinha nada, então naquele tempo a gente pedia dinheiro nas portas, cantava nas portas assim e as pessoas davam dinheiro. Então a gente juntava aquele dinheiro todo e depois, na semana depois do carnaval, ou duas semanas, nós fazia um churrasco, aí gastava todo o dinheiro naquilo ali. E um dia lá, não sei o que, tudo meio no trago “tchê, vamos fazer uma sede, vamos fazer uma sede pra nós aí” e “vamo”, “vamos” e “vamo”. (Sobre a ideia de criação de uma sede. Trecho da entrevista concedida pelo senhor Clodoveu Soares.)

Os blocos carnavalescos surgiram a partir de meados do século XX, inicialmente na cidade do Rio de Janeiro, como uma perspectiva contraditória em relação à elite. Sua

¹²Trecho de entrevista concedida pelo senhor Clodoveu Batista Soares. Setembro, 2015.

criação tinha o objetivo de que as pessoas das camadas mais baixas da população pudessem comemorar os festejos de carnaval, visto que a elite considerava esse modo de organização popular fora dos “padrões”.

Mas, que padrão era esse em que a elite se referenciava para comemorar carnaval? Na Europa, era comum que as famílias mais nobres participassem do carnaval com grandes bailes de máscaras e desfiles de carros com alegorias e grandes fantasias sofisticadas, enquanto a camada mais baixa da sociedade participava dos festejos na rua, e por esse motivo eram vistos como “desordeiros”.

Enquanto a elite construía seu carnaval inspiradas em recriações de modelos europeus da festa, as camadas populares, que nos festejos da elite tinha o papel de espectador, criaram novos modelos de brincar o carnaval. Inspirados pelas sociedades carnavalescas, as classes populares passaram a se organizar em blocos, cordões e ranchos. (FRYDBERG, 2014, p.4)

Em sua monografia “*Somos o Suco do Carnaval!*” A Marchinha Carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto, Nunes (2010) traz uma breve história acerca do surgimento desses blocos e cordões, que inicialmente surgiram como entrudos, onde as pessoas brincavam, dançavam, se jogavam bexigas com água, entre outras coisas. Mesmo visto como uma “desordem” pela elite, o entrudo passou a ser uma das principais atividades carnavalescas em dias de carnavais.

O entrudo, como exposto anteriormente, vigorou como uma das principais atividades carnavalescas brasileiras. Vale ressaltar que não existia nenhum tipo de gênero musical vinculado a este tipo de fazer carnaval (Tinhorão, 1975), pois se tratava de uma loucura - jogar-se água suja, por vezes urina, lama, avançando para os limões de cheiro, feitos de cera, que muito machucavam a população. (NUNES, 2010, p. 32)

Mesmo após vários artifícios da elite para tentar acabar com o entrudo, em 1930 ele se consolida de outra forma para brincar o carnaval: como forma de cordões, blocos e ranchos. Porém, essa perspectiva de blocos, cordões e ranchos já vinha desde meados do século XIX, assim, segundo Nunes (2010) o que muda é a forma de ver essa associação, ou seja, os blocos e cordões eram vistos como uma forma mais organizada, ordenada, onde deveria trazer a lógica da moral e dos bons costumes.

[...]1930 quando então se consolida outro jeito de brincar o carnaval: cordões, blocos e ranchos carnavalescos, que organizam a folia incivilizada do entrudo. [...] não se constituíam novidade aqueles modos de se brincar o carnaval, pois os primeiros cordões e blocos datam de meados do século XIX. A mudança, portanto, está na mentalidade política e social do período pré-republicano e republicano brasileiros. Esse carnaval moderno e civilizado

tinha na ideologia republicana uma justificativa [...] dentro da lógica da moral e dos bons costumes. (NUNES, 2010, p. 34)

E em uma perspectiva parecida com essa surgem os blocos e cordões carnavalescos da população negra. Com um desejo ainda maior, de não apenas participação na época do carnaval, mas também de socialização entre os seus em festas comemorativas, aniversários, batizados, bingos, festas de casamento, entre outros, resolveram criar uma sede para o bloco, que logo seria um clube.

O que mais nos chamou a atenção, ao pesquisar a história do Suburbanos, foi o seu nome e o motivo do mesmo. Como descrito acima, o trecho da entrevista de um dos fundadores do bloco, e consecutivamente clube, nos mostra claramente uma ideia de identidade, de como esses indivíduos se viam a partir do lugar de onde viviam, de como viam esse lugar, um subúrbio, logo, seus moradores eram “suburbanos”.

Essa identidade aqui expressa, não é individual. Ela surge a partir de um coletivo que se contrapõe com o outro. A identidade não pode ser pensada sem esse outro, pois, a partir do momento em que não temos o “outro” para fazer uma mediação, não existirá construção de uma identidade.

Ao contrário do que muito já se defendeu, de que a identidade era algo puramente individual e que, portanto, sua descrição deveria partir da análise do indivíduo, a contemporaneidade nos mostra que o caráter coletivo do sujeito, observado através das suas relações, é um aspecto indispensável a esta leitura. (STEFANI; SALVAGNI, 2011, p. 32)

Chegamos à conclusão de que o nome Suburbanos nasceu a partir de uma perspectiva identitária, de como esses indivíduos se viam em relação ao outro. A localidade em que eles viviam não fica na zona central da cidade, era visto como um subúrbio. Sabemos que sempre houve essa perspectiva de marginalização e afastamento dos negros, dos grandes centros.

A foto a qual se inicia este capítulo é referente ao Bloco Suburbanos. Ela faz referência ao carnaval do ano de 1952, primeiro ano em que os indivíduos, do bloco, se caracterizaram de forma uniforme. Nela, estão alguns dos fundadores do bloco e, consecutivamente, do então Clube Suburbanos. Segundo relato do senhor Clodoveu¹³, anteriormente as pessoas apelidavam o bloco como “bloco dos sujós”, porque eles não tinham vestimenta específica, as roupas e fantasias eram aleatórias.

¹³ Diário de campo, outubro 2015.

O primeiro ano que ele [o bloco] saiu foi em 49, eu não saí, em 49, eu tava servindo, não saí. Em 50 eu já saí 50... Bom, isso, o Suburbanos, ele saía assim... Ele não era organizado, era vestido a vontade, de uso, de vestido de mulher, era fantasia, né, bom. (Relato do senhor Clodoveu, concedido em entrevista).

E assim, no ano de 1962, especificamente no dia 1º de janeiro funda-se o Clube Social Suburbanos, na cidade de Jaguarão/RS, com endereço na Rua Independência, número 1272. O terreno da sede foi comprado com a ajuda de todos os fundadores. O valor do terreno, na época, saiu em torno de Cr\$60.000 (sessenta mil cruzeiros). É interessante notarmos aqui, as redes de relações de amizades muito presentes em cidades “do interior”.

A compra desse terreno é um exemplo, pois, ao escolherem o terreno para a sede e decidirem fazer a compra do mesmo, levaram em conta as relações que os fundadores tinham com o dono do terreno para que a compra fosse feita de uma forma mais fácil.

É interessante notarmos o espaço de tempo da passagem desses indivíduos enquanto bloco para a criação do então Clube. Seus integrantes percorrem mais ou menos uma década enquanto bloco, podendo participar apenas de festividades dos dias de carnavais, pois como sabemos os negros não tinham entrada permitida em outros clubes.

Porém, é intrigante a criação de um “outro” clube negro em uma cidade que era relativamente pequena. No capítulo anterior, tecemos informações sobre o Clube 24 de Agosto fundado no ano de 1918, logo, temos um questionamento: Por que a criação do Clube Social Suburbanos com representatividade negra sendo que já existia o 24?

Será o Suburbanos uma dissidência do 24? Terão sofrido algum preconceito ou proibição, os fundadores, dentro do 24 e assim resolveram fundar um outro clube negro como uma necessidade específica de terem uma representatividade negra, além do 24?

Ainda não é possível responder estas indagações, apenas divagarmos e tirar nossas próprias conclusões. Em consulta ao primeiro caderno de atas do Suburbanos, logo no primeiro ano da nova sede encontramos um registro feito em assembleia geral que relata um “corte de relações” entre essa respectiva sociedade e o Clube 24.

Ao indagar o senhor Clodoveu sobre esse corte de relações, pois ele foi um dos envolvidos respondeu que havia uma suposta rivalidade entre as diretorias de ambos os clubes e que não havia sido tão sério a ponto de cortar relações. Segundo ele, gostavam de registrar tudo que envolvia o clube no caderno de atas, por isso esse registro. Ao ser indagado sobre essa rivalidade entre diretorias, ele responde:

[...] isso é coisa de diretoria, depois até o outro presidente que entrou procurou voltar as boas. Foi num carnaval, até, fui eu e Nilton. Chegamos lá, no trago, por que nosso baile fracassou e nós demos uma volta e eu disse “ah, vamos lá no 24” aí ficamos como uma duas horas, três horas esperando na porta alí e pensamos “ah, vamos embora, não vão nos deixar entrar”. Aí fizemos a reunião e contemos o caso, aí resolvemos fazer um ofício pedindo... cortando relação. E foi isso o que aconteceu.

Anteriormente à construção da sede, as primeiras reuniões e confraternizações aconteciam na residência do senhor João Carlos Machado, primeiro presidente.

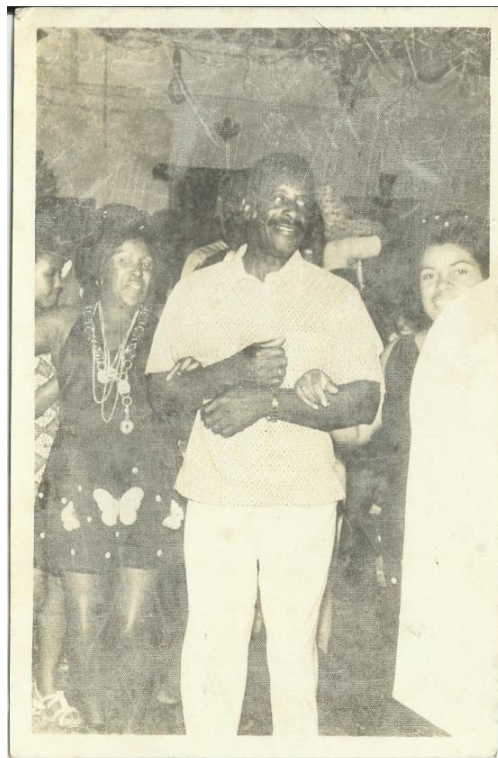


Figura 2: Primeiro presidente e fundador do Clube Social Suburbanos, João Carlos Machado. Carnaval de 1973. (Acervo pessoal Marlí Chagas)

Como forma de levantar fundos para compra de um terreno e construção de uma sede, o bloco saía às ruas cantando e pedindo dinheiro para os moradores da cidade, de casa em casa. Essa prática de arrecadar verbas para fins recreativos e/ou culturais não era realizada apenas pelo Suburbanos, mas também pelos outros blocos e cordões da cidade, em geral.

Ao contatarem o senhor dono do terreno e fazerem a proposta de compra, eles não tinham a quantia em dinheiro equivalente ao valor total. Então, foi lhes concedido pelo dono do terreno a seguinte forma de compra: os interessados na compra pagariam em pequenas quantias todo mês, até alcançar o valor total do terreno.

Inicialmente o terreno foi colocado no nome do senhor João Carlos de Medeiros e depois da quitação total, foi feita uma doação para o nome do Clube Suburbanos, que foi registrada apenas no ano de 1965, suas cores oficiais são azul, verde e branco.

Exerciam no Suburbanos também atividades políticas e culturais, como leituras, pois a sede contava com uma biblioteca, e também outros tipos de discussões. Assim, fica evidente que além do Clube 24 de Agosto, o Clube Suburbanos também tinha engajamento na positivação e na resistência da sociedade negra, além do seu caráter recreativo. Segundo consta no estatuto do mesmo, o Clube Social Suburbanos

[...] é uma sociedade civil constituída por tempo indeterminado, e tem por fim proporcionar aos seus associados// reuniões diárias, bailes, concertos, conferências, jogos permitidos, leituras de jornais, revistas, participação ativa nos carnavais, etc. E outras diversões admitidas em boa sociedade.” (Estatuto do Clube Suburbanos. 1965)

No estatuto dessa sociedade contém muitas informações pertinentes sobre como as relações eram regidas nessa sociedade. O Estatuto do clube contém dez capítulos, onde especifica o papel de cada integrante da diretoria e essa, segundo o estatuto, conta com os seguintes cargos, os quais faziam parte da administração do clube: um presidente; 1º e 2º vice-presidentes; 1º e 2º secretários; 1º e 2º tesoureiros; 1º e 2º bibliotecários e seis diretores. Consta ainda com um conselho fiscal que é composto por três membros. E ambos os cargos administrativos eram vigentes durante dois anos.

Além de informações sobre a diretoria e seus fundadores, no estatuto encontramos “normas de convivência” dos associados e critérios levados em conta para a aceitação de novos sócios. “Os dados coletados no Estatuto do Clube Suburbanos são pertinentes para historicizar as experiências desta associação negra, bem como a de seus integrantes” (AL-ALAM, LISCANO, ROSA, SILVEIRA 2015, p.5). Ainda sobre a importância do Estatuto:

No campo da pesquisa, os estatutos são fontes riquíssimas para caracterizar as relações que existiam dentro destas sociedades, que, embora não corresponda a totalidade das dinâmicas das relações do cotidiano e nem tem esta função, são, antes de tudo, normativas que norteiam as práticas, funções, direitos e deveres das instituições e de todos seus agregados. (AL-ALAM, LISCANO, ROSA, SILVEIRA, 2015, p. 5).

Com base na pesquisa do Estatuto, é possível o acesso aos nomes dos componentes do primeiro corpo diretório do Clube, datado no ano de 1963. O corpo

diretório é assim descrito: Presidente: João Carlos Machado; 1º Vice-presidente, João Carlos Dias Medeiros; 2º Vice-presidente, Paulo Pereira de Freitas, casado, mecânico; 1º Secretário, Ubiratan Hermínio dos Santos, solteiro, estudante; 2º Secretário, Oscar Batista; 1º Tesoureiro, Clodoveu Batista Soares; 2º Tesoureiro, Ilário da Costa Chaves, casado, mecânico.

Dentro da diretoria, também havia o conselho fiscal, constituído da seguinte forma: Argeu Hermínio dos Santos, casado, militar; Gleci Dutra Caldas, casado, militar; Carlos Alberto Barbosa, casado, militar. Diretores do mês: Manoel Pinto da Silva, solteiro, alfaiate; Álvaro Corrêa Netto, solteiro, militar; Wilmar Nunes, solteiro, militar.

Os fundadores dessa sociedade, conforme consta no estatuto, foram: João Carlos Machado, casado, pedreiro; Nilton Dias Medeiros, casado, pedreiro; Oscar Baptista, casado, pedreiro; Carlos Dias Medeiros, casado, sapateiro; José Eduardo Amaro Rodrigues, casado, electricista; Clodoveu Baptista Soares, casado, mecânico e Pedro Dias, solteiro, sapateiro.

Ao lermos atentamente esse documento, em especial os fundadores, componentes da diretoria e suas respectivas profissões, percebemos que essa organização tinha um caráter popular. Ou seja, esses indivíduos possuíam profissões “populares”.

Com base nas entrevistas concedidas pelo senhor Clodoveu, chegamos à informação de que esses militares eram, em sua maioria negros e de baixa patente, pobres e que era normal o trânsito de militares nos clubes da cidade, principalmente por que alguns eram músicos e acabavam entrando para o bloco ou cordão da sociedade.

Além desses, outros aspectos encontrados no Estatuto são importantes para que possamos entender acerca dessa sociedade e do seu funcionamento. Dentre esses aspectos, temos o incentivo à criação de laços com outras entidades, não apenas brasileiras, mas também uruguaias que participavam da mesma causa. Porém, existia uma diferença entre os clubes brasileiros e uruguaios, visto que esses últimos eram formados por relações familiares, e as festas aconteciam nas casas das famílias; já os brasileiros, como vimos anteriormente, tinham, em sua maioria, fundação em torno de relações carnavalescas. Em entrevista ao senhor Pedro Ivo, ex-presidente do Suburbanos, ele nos relata essa diferença:

Ora, os clubes negros do Uruguai, existia um e não era bem um clube. Era um... Um tipo... Um de familiares que se organizavam e tinha um salão que tinha, é. Era um clube de negros. Eu frequentei muito o clube de negro em Melo e Trinta e Três. Aí fomos inclusive, fomos com rainha do Suburbanos. Uma vez nós fomos ao clube em Melo, fomos muito bem recebidos. O clube

negro de Melo é muito bom. (Entrevista com o senhor Pedro Ivo, Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. Pet História. 2014.).

Logo, esse fator de relação entre os clubes dos dois países teve suma importância na posituação da identidade negra, que era o objetivo principal desses clubes.

Esta relação entre clubes dos dois países dava-se também pela visita recíproca de rainhas nas sedes dos clubes. Em contextos racistas a valorização do negro e a complexa rede de ligação que os mesmos mantinham foram de extrema importância para a posituação do negro. (AL-ALAM, LISCANO, ROSA, SILVEIRA, 2015, p. 6).

Além do estatuto, foi pesquisado também o primeiro caderno de atas dessa sociedade. Nele, contém as decisões e projetos referentes ao Clube.

As esferas administrativas dos anos seguintes, não serão aqui explanadas porque quase todos os nomes citados acima vão fazendo um revezamento nas mesmas, dessa forma, ficaria monótono colocar as outras esferas administrativas aqui.

Ao realizar entrevistas e pesquisar as atas não consegui, ainda, responder a essa pergunta relacionada aos militares. Relatos de entrevistas citam apenas que era normal, naquela época, militares participarem de clubes sociais, principalmente os militares que faziam parte da banda, pois assim, participavam em festas, tocando seus instrumentos. Porém, não chega ser tão intrigante a presença de militares dentro de uma sociedade formada por indivíduos negros e da classe baixa, visto que, ao entrarem no exército, eles tinham acesso ao estudo e diferentes técnicas, como a de teoria musical.

2.2. A trajetória do Clube Social Suburbanos

Foi somente no ano de 1962 que o clube teve sua sede própria. Como exposto anteriormente, no Clube Social Suburbanos aconteciam não apenas bailes, mas também, festas de aniversários, batizados, concursos, reuniões, jogos, leituras, entre outros, atividades essas que passavam por votação da diretoria, em assembleias.

Além disso, assim como outros clubes sociais negros, no Suburbanos também eram realizados serviços assistenciais aos sócios doentes ou com dificuldades financeiras. E até mesmo quando um sócio ou membro da diretoria perdia algum familiar, era prestada solidariedade. Segundo Silva (2011) esse tipo de “[...] preocupação já estava presente nas associações criadas antes da abolição, como por

exemplo, as irmandades religiosas e se manterão no pós-abolição”. (SILVA, 2011, p. 117)

Com a consulta do primeiro caderno de atas da diretoria do Suburbanos, tivemos uma noção prévia de que tipo de relações aconteciam dentro daquele espaço, não apenas entre os membros e participantes, mas também entre esse clube e outros, tanto na cidade de Jaguarão como em outras cidades, como Arroio Grande, Rio Grande e Mello (UY), relações essas citadas no capítulo anterior, com relato do senhor Pedro Ivo, ex-presidente do clube.

Para se associar ao Clube era necessário que o indivíduo fizesse uma proposta formal à diretoria do clube e conseguisse obter aprovação de, no mínimo, um terço de seus membros. E na maioria dos casos era levado em conta a postura do indivíduo na sociedade. Abaixo é anexado um exemplo de uma proposta que deveria ser apresentada à diretoria. Deixamos claro que essa proposta não é do Clube Suburbanos, mas do Clube 24 de Agosto, pois o modelo de proposta de ambos os clubes eram similares. Notamos que o indivíduo que busca a aprovação para sócio no referido Clube, já fazia parte da sociedade do clube Suburbanos, mais um exemplo do trânsito de indivíduos entre um e outro clube.

Proposta para Sócio

Nome do Propositor: Rui Alberto Pereira da Silva

Filiação (pai):

Filiação (mãe): Cidalina Aldina da Silva Faria

Natural de: Jaguarão RS Estado: RS

Sexo: M. Data do nascimento: 10 07 45 48

Endereço e local de trabalho, rua N°: Telefone: Profissão: Pedreiro Est. Civil: Solteiro

Residência: rua Dr. João Aguiar N° 433 Cidade: Jaguarão

Nome do Conjuge: Rui Alberto Pereira da Silva Elicia Pereira Bandeira

DEPENDENTES:

1. Marcelo Feijó da Silva Filho 16 09 78 X

Outros clubes aos quais pertence o proponente e suas relações: Suburbanos

O proponente deverá juntar a esta duas fotografias 3x4 sua e, se casado, também duas de caráter dependente e a certidão de casamento (Art. 25º do Estatuto Social do candidato a sócio que não for aceito como tal a Diretoria não é obrigada a dar satisfação do motivo da recusa)

Esta proposta foi submetida a julgamento em reunião de Diretoria em

Boa noite, senhor Tesoureiro para providenciar os recibos e cadastro.

Figura 3: Proposta para sócio, do Clube 24 de Agosto. (Acervo Clube Social 24 de Agosto)

E em relação a essas reuniões e assembleias da diretoria, tinha um cunho secreto. Principalmente o fato de aceite ou não de novos sócios, que não estão presentes em atas,

ficando evidente o caráter pessoal das relações pelo menos no âmbito do egresso no clube, uma vez que, caso o sujeito tenha desavenças com membros da diretoria seria muito mais difícil se associar, assim como se o candidato mantivesse conduta antissocial provavelmente não seria bem avaliado pela comissão sindical. (AL-ALAM, LISCANO, ROSA, SILVEIRA, 2015, p.7)

No caderno de atas, aparecem um ou dois exemplos de questão desse âmbito, onde é colocado que um determinado indivíduo não foi aceito por essas questões pessoais.

Havia quatro categorias de sócios do Clube Suburbanos. Os temporários, aqueles que não possuíam residência fixa na cidade; os efetivos, que pagavam suas taxas em dia; honorários, são aqueles que são escolhidos por um grupo de cinquenta sócios ou da própria diretoria por ações no clube, reconhecidas e por último os Beneméritos, que estão inseridos dentro do quadro social e também reconhecidos pelos mesmos critérios dos honorários, por serviços prestados ao clube. (Estatuto do Clube Suburbanos. 1965. Acervo do Clube Social 24 de Agosto)

Havia também a Assembleia Geral, que apenas participavam os sócios que mantinham em dia as mensalidades e que ocorriam sempre que após reuniões da diretoria era necessário repassar as pautas referentes à esta sociedade aos sócios, pautas essas que iam desde da administração do clube, a mudança de estatuto ou normas dessa sociedade.

É importante ressaltarmos aqui, o papel designado à mulher dentro desta sociedade. Além de uma diretoria masculina, que era de onde saíam as decisões, foi criada uma diretoria feminina, no ano de 1963. As mulheres que participavam dessa segunda diretoria, em sua maioria, eram esposas ou parentes dos membros da diretoria masculina. Ao indagar o senhor Clodoveu sobre o papel que a diretoria feminina tinha no clube, obtive a seguinte resposta:

Ah, era pra organizar e pra essa parte feminina assim, né, que era com elas. Porque no começo nós não tinha diretoria feminina, depois aí sim, era pra... que a mulher sempre tem mais gosto pra arrumar o clube, essa era a função delas.

Marlí Chagas, em entrevista também nos relata sobre a participação da diretoria feminina:

Olha, essa diretoria era mais pra enfeites do clube, quando tinha festas, bordar fantasias em tempos de carnaval, confecção de ingressos e convites [...] (Entrevista Marlí Chagas)

Silva (2013) ao discorrer sobre esse tipo de relação de gênero dentro dos clubes sociais afirma que

A posição ocupada pelas mulheres nos referidos espaços apresenta uma peculiaridade em que o ser mulher e a posição social parecem ser tomados em conjunto, ou seja, nos clubes em que a posição social ocupada perante a sociedade era de menor grau as mulheres tinham um campo de atuação maior e até mesmo poderiam ser encontradas nas diretorias, como nos clubes pelotenses *Depois da Chuva e Chove Não Molha*. No entanto, nos clubes em geral as mulheres não exerciam funções diretivas, encontravam-se presentes na organização e fiscalização das festas. (SILVA, 2013, p.13)

No Suburbanos, inicialmente, também não era permitido que as mulheres fossem sócias. Até havia participação de mulheres em festejos e bailes, porém essas mulheres eram dependentes dos seus maridos ou pais que eram sócios do Clube. Marlí Chagas, participante da diretoria feminina, em sua entrevista coloca como as mulheres podiam participar das festas do clube, inclusive, a mulher só passou a ser aceita como sócia, quando o clube precisava melhorar sua questão financeira.

[...] Ah, a mulher não podia ir em um baile sem a presença da família ou do pai ou do irmão e muito menos sentar sozinha numa mesa (risos)... E se a mulher tivesse namorado também não podia sair de dentro com ele, sem o pai ou familiar. Era regra. A própria diretoria olhava essas funções e se fosse o caso, iria falar com os pais da moça. (Entrevista Marlí Chagas, 2014)

Dona Aldací, que também fez parte de diretorias de clubes sociais, também nos relata essa vigilância com as mulheres, dentro do Clube:

[...] eu casei em dezembro ou fevereiro, acho que foi fevereiro, foi no carnaval que nós fomos um baile de carnaval com os tios o meu marido. Aí eu já estava casada né. Ai chegou... Esses tios do meu marido [...] a gente foi para o baile, e chegou uma certa hora lá o Alceu falou pra mim “Quer ir embora?” E eu disse “Ué, vamos.”. Aí ele chegou... Também tinha isso, a gente não saía de dentro do clube sem avisar para quem a gente andava. Estava casado mas tinha esse senhor [...] aí a gente chegou e o Alceu falou “Ah nós vamos embora”, tá tudo bem [...] aí fomos embora para nossa casa. Foi no outro dia de manhã foram lá na oficina que meu pai trabalhava [...] uma comissão da diretoria do Suburbanos para dizer para ele [...] “Ah mas é...é porque lá não se deixa a guria sair sozinha com o namorado e nem ir pro baile com o namorado, é a mesma coisa que vocês lá que não deixam, e lá nós também a mesma coisa...então eles... o senhor ficou lá com sua família e eles saíram só os dois pra rua e não voltaram mais”. [...] “Pois é, mas aquele casal que saíram, eles são casados [...]” (Entrevista com Aldací Machado. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. Pet História. 2014.).

Segundo dona Aldací, dentro do Suburbanos, o casal para poder se associar e participar das festividades deveria apresentar um registro ou certidão de casamento. Não apenas isso, ela também relata sobre a vigilância que havia até mesmo para sair à rua.

[...] Mas nós não gostávamos muito de lá, porque não eram todos que iam lá, [...] quem não era um casal pelo civil, não podia entrar. Naquela época era assim. Tu tinhas um namorado, que tu convivias com o namorado, hoje convive e é normal né, e vão a qualquer lugar... Mas naquela época não... Nem namorado sozinho não saía... Vocês pensam que saíam sozinho? Mas quando minha filha?! Quando saia tinha que ter um acompanhante, seja lá quem fosse, até para ir à praça... Pra passear na praça. (Entrevista com Aldací Machado. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. Pet História. 2014.).

Lopes (2015), em seu trabalho de conclusão de curso, nos mostra essa característica em relação à participação das mulheres, de forma similar dentro do Clube 24 e também em outros espaços, e que deve se levar em conta que esses comportamentos regiam toda uma ordem moral e sexual em relação às mulheres.

O fato destas mulheres não estarem em espaços de decisões não é uma tendência única e exclusiva do Clube 24 de Agosto, nesta época devemos levar em conta toda uma moral sexual e comportamental que regiam o corpo e a mente feminina da época. Mas são nestes pequenos detalhes que costumes são perdurados, e consequentemente naturalizados. (LOPES, 2015, p. 41.)

Em uma das reuniões registradas em atas, no ano de 1966, houve a proposta de criação de um quadro social feminino, visto que o clube se encontrava em péssimas condições financeiras. Mas, na mesma ata, não fica claro se essa proposta de criação de um quadro feminino foi realmente aceita pelos demais membros da diretoria. Segundo o senhor Clodoveu, não havia mulheres sócias.

[...] lá nós nunca tivemos sócias mulheres. Essa questão de sócia mulher faz pouco que surgiu isso, surgiu por causa da despesa, muita despesa, o clube tinha muita despesa, então pra arrumar mais um pouco de verba para o clube, e agora hoje em dia, uma moça ou uma senhora tem que pagar ingresso, né. Antigamente não, não tinha isso.



Figura 4: Mulheres que compunham a diretoria feminina. (Acervo pessoal Marlí Chagas)

Lopes (2014) em seu trabalho de conclusão de curso referente ao surgimento de clubes negros no Brasil nos traz reflexões a cerca da “invisibilidade” das mulheres na história, principalmente sobre as relações de gênero no clube 24 de Agosto. Segundo a autora, dentro daquela associação havia papéis já definidos, e as funções de cozinha e limpeza eram na maioria das vezes designadas para as mulheres.

Prática comum entre os clubes sociais, em tempos de carnaval, era a visita de suas respectivas rainhas e princesas em outras sedes clubistas. Para que uma rainha de um determinado clube fosse convidada para uma visita a outra sede, era necessário que fossem mantidas boas relações entre os clubes.

Segundo relato de entrevista com o senhor Clodoveu, inicialmente a rainha do Suburbanos, por ser um clube negro, não visitava clubes vistos da elite, como exemplo o Harmonia e o Jaguarense, ambos na cidade de Jaguarão. Mas depois de um tempo a prática de visita das rainhas se tornou comum, então em épocas de carnaval acontecia a visita das rainhas. Em pergunta à relação do Suburbanos com outros clubes da cidade, a resposta foi:

Olha, de inicio não tinha por que havia muito preconceito né, mas depois, ultimamente tinha. Principalmente na época de carnaval, que as rainhas visitam os clubes, né, como hoje, agora hoje nem tem mais rainha, mas naquela época tinha, visitavam os clubes todos. (Entrevista com Clodoveu Batista Soares)

É importante considerar aqui, que quando uma rainha de um clube negro fazia essa visita simbólica a um clube branco, a população ainda assim era impedida de frequentar esse espaço. Apenas quem podia frequentar junto com a rainha era a sua diretoria.¹⁴ Sobre essa característica de visitação da corte de carnaval, entre um clube e outro, o senhor Madruga relata:

[...] Então os clubes vieram a ter uma abertura, de 80 para cá. De 80 para cá que os clubes foram os clubes... Na realidade o Caixeiral né? O Caixeiral foi um dos primeiros clubes a abrir para nós com uma certa restrição, mas abriam né?! Esse foi um dos clubes que abriam. (Entrevista Neir Madruga Crespo. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. Pet História. 2014.).

Porém, os clubes que o Suburbanos tinha melhores relações eram o Clube 24 de Agosto, o Caixeiral e o clube de Mello, que segundo relatos de entrevistas, era um clube de âmbito mais familiar. O senhor Clodoveu, inclusive, nos relata um caso de racismo que ocorreu no clube Instrução e Recreio

Não sei se tu conheces a professora Laci, ela foi presidente lá também da diretoria feminina então, e eu era tesoureiro do clube. Uma vez nós viemos aqui no Instrução falar com o mestre, chefe de orquestra de arroio grande e não nos deixaram entrar, ficamos quase uma hora na porta esperando que o cara parasse a orquestra e viesse falar com nós, não nos deixaram entrar. O racismo era horrível. (Entrevista Clodoveu Batista Soares)

Abaixo uma imagem da rainha do Suburbanos em visita à outro clube. Não foi possível chegar à informação a qual clube estava acontecendo a visita. Porém, observando a imagem, chegamos à conclusão de que pode ser visita ao clube Caixeiral.



¹⁴ Entrevista com Marli Machado. (Diário de campo, 2015)

Figura 5: Visita das rainhas do carnaval e rei momo. (Acervo pessoal Marlí Chagas)

À seguir, um convite direcionado para a diretoria do Clube 24 de Agosto, por parte da diretoria do Clube Suburbanos, para a coroação de sua rainha do carnaval, do ano de 1993.

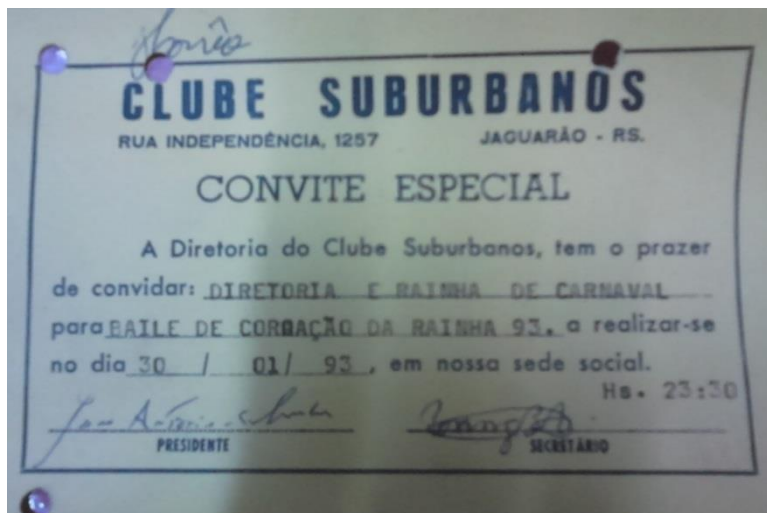


Figura 6: Convite, de coroação da rainha do clube Suburbanos, endereçado à diretoria do clube 24 de Agosto. Carnaval de 1993. (Acervo Clube 24 de Agosto)

Outro relato importante que foi encontrado em atas de assembleia, foi a permissão de entrada dos brancos nessa sociedade para que o clube não passasse por dificuldades financeiras. Como exposto anteriormente, essa sociedade costumava fazer vários eventos, entre eles, festas de aniversários, casamentos, bailes, jantares, e bingos, para a arrecadação de fundos. Porém, com o tempo os bingos passaram a ter “fracasso financeiro” e nesse momento, onde o Clube já estava com uma situação financeira desfavorável, em reunião da diretoria um dos diretores propõe permissão de brancos nesses bingos.

Em leitura ao caderno Atas do Suburbanos, encontrei uma das várias descrições relacionadas a uma assembleia da diretoria, especificadamente a de número 30, realizada em onze de janeiro de mil novecentos e sessenta e cinco, que continha algumas das principais pautas: 1- sobre o bingo: no sábado de estreia teve bom resultado, porém fracasso no domingo; 2- considerando os resultados do citado jogo, verificou-se que havia necessidade que se estendesse os convites a elementos brancos.(Caderno de Atas do Clube Suburbanos)

Ao ser indagado sobre essa informação, o senhor Clodoveu foi um tanto vago em sua resposta dizendo que isso acontecia devido à uma integração entre os

indivíduos. Mas, recorrendo à outra entrevista, com a senhora Marlí Chagas ela responde que:

[...] Acontecia, sim... por mais que muitos dos fundadores negassem essa participação dos brancos em alguns dias dos bingos, isso acontecia sim. Sim, por que eles podiam não ser ricos, mas tinha mais condições para participar dos bingos e assim ajudar na arrecadação de fundos para o clube. Por que ali nós era tudo trabalhador simples e era necessário arrecadar fundos para as despesas do clube... (risos) (Entrevista Marlí Chagas)

Talvez por essa atitude foi que passou a surgir boatos em que colocam o Clube Social Suburbanos como um clube de negros ricos, como nos coloca o senhor Clodoveu, “o Harmonia dos negros”.¹⁵ Acabamos por observar aqui que o fato de que apesar de serem negros, isso não os unia nem os identificava entre si, pois muitas vezes acabavam levando em conta o status social do indivíduo. Segundo entrevista com o senhor Madruga:

[...] O Suburbanos tinha um problema... Uma diferença, que houve uma divisão, eu acho, os negros mais pobres não poderiam ser do Suburbanos, na realidade, teria que ter um pouquinho de... Ou os mais pretos... Mas o mais era questão financeira mesmo, então. (Entrevista Neir Madruga Crespo. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. Pet História. 2014.)

Outra característica que os clubes tinham em comum, relacionado ao aceite de sócio era a questão do casamento. Se o indivíduo fosse solteiro não poderia ser sócio do clube ou participar das festividades, principalmente a mulher.

[...] aceitaria todos os negros, não teria problema, desde que fossem pessoas que não tivessem problema nenhum dentro da família, por exemplo, mãe solteira não poderia participar... Teriam que saber quem era o pai, quem era a mãe dos sócios, não poderia ser... Chegar a pessoa e dizer “eu quero ser sócio”... Tinha que saber se era casada... Se não era casado não poderia ser sócio, por que era exigida a certidão de casamento, isso era uma regra em todos os clubes. (Entrevista com Neir Madruga Crespo. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. Pet História. 2014.)

Essa relação de “integração” que observamos relacionada à entrada dos brancos nos bingos, nos mostra o quanto essa população negra, além de se preocuparem com a positivação de sua identidade, usavam de estratégias de aproximação com indivíduos [brancos] que tinham maior status na sociedade para que tivessem condições de continuar ali, fortalecendo e positivando sua identidade.

¹⁵ Esse termo, Harmonia dos negros, é colocado pois na cidade havia o Clube Harmonia Jaguarão, que tinha acesso restrito à elite [branca] da cidade.

Temos então, um agenciamento feito pela comunidade negra, onde as relações clientelísticas não vem apenas de cima para baixo. São também acionadas como estratégia também por populares.

E assim continuou, não apenas o Suburbanos, mas também outros clubes da cidade com essas várias características, que aos poucos foram mudando e assim, como coloca o senhor Clodoveu “[...] os clubes não são mais o que eram, hoje em dia é tudo assim, liberado [...]” (Entrevista Clodoveu Batista Soares)

Entre os anos 2001-2002, assumiu a primeira presidente mulher do Suburbanos. Sônia nos conta que chegou a diretoria por que o clube estava bem decaído e ninguém mais da diretoria queria assumir o cargo de presidente. E como ela participava da diretoria, montou um chapa e foi eleita presidenta do Clube. Nessa época, o clube ainda continuava com o mesmo caráter beneficente. Aconteciam diversas festas, como festas de aniversário, casamento, bingos, bailes comuns, entre outros.

Beneficente, tá. Em benefício deste, benefício daquele. Empréstava o salão para festas, pessoas que não tinha condição de pagar, e bailes beneficentes. Perdi a conta dos que eu fiz para ajudar para operação, para exame, para te dizer a verdade, não tenho vergonha de dizer, eu fiz baile até para pagar funeral (risos). (Entrevista com Sônia Maria Barbosa Aguiar. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. Pet História. 2014.).

Fiz para a escola do Aguenta. Fiz um baile, que eles estavam caídos, para tirar renda para eles. E nessa época agente tinha as nossas particularidades. Que a gente tinha lá a outra escola lá, e ajudamos eles também ali né. Fiz para tudo, tudo que me pediram... [...] (Entrevista com Sônia Maria Barbosa Aguiar. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. Pet História. 2014.).

Respondendo às perguntas sobre a participação de pessoas, já nesse período mais atual, Sônia responde:

Tinha quadro com sociedade. Tinha o CGC do clube. Tinha tudo legalizado. Eram por proposta os sócios. [...] Não tinha preconceito com ninguém. Ninguém, ninguém. Podiam ir as piores pessoas ali, mas elas... Elas não faziam de nada de errado ali. Ali dentro só tinha muita disciplina. Não deixava fumar, não deixava entrar de boné, não deixava entrar de bermuda, não deixava entrar de short, não deixava entrar de chinelo, tá? Era, era assim... Eles eram todos padrões. Padrão mesmo, assim... Já chegavam ali, bem vestidos, bem arrumados. Foi uma época bem boa mesmo. (Entrevista Sônia Maria Barbosa Aguiar. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. Pet História. 2014.).

Em relação à propostas de sócios, tanto homens quanto mulheres poderiam se associar, independente do estado civil. “[...] Tanto o homem quanto a mulher. Não associava menores, né? Mas tudo assim... E não entravam menores no clube [...]”.

(Entrevista Sônia Maria Barbosa Aguiar. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. Pet História. 2014.).

Porém, com o acúmulo de dívidas, de gestões anteriores, no ano de 2008 o Clube vai à falência e fecha as suas portas, indo assim à leilão pelo valor de vinte e um mil reais.

[...] a gente perdeu o clube pra ECAD, porque a ECAD cobrou um absurdo. Um absurdo, que a gente vinha pagando em parcelado, estava pagando. Aí eles contavam nesse negócio de jurídico e faziam leilão seguido, o Clube ninguém comprava. Tu sabes que o Clube foi leiloado por 21 mil reais [...]. (Entrevista Sônia Maria Barbosa Aguiar. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. Pet História. 2014.).

E assim, se encerra a trajetória do Clube Social Suburbanos. Um Clube que foi organizado logo após a criação de um bloco carnavalesco e que teve sim, importância fundamental da inserção do negro na sociedade e também na luta contra o preconceito racial.

Mas, mesmo com o seu fechamento, seus fundadores e membros participantes ainda têm na memória o quão importante foi essa sociedade para eles e outros negros da cidade de Jaguarão, para que pudessem participar dos festejos de carnaval e outras festividades junto dos seus e assim positivar sua identidade racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho foi o amadurecimento de toda uma trajetória iniciada dentro do projeto PET- História, sob a coordenação do professor Caiuá Al-Alam e teve como principal objetivo, não apenas tecer informações sobre a trajetória do Movimento Negro no Brasil, mas também mostrar que além do Clube Social 24 de Agosto, o Clube Suburbanos também teve sua importância na construção e posituação de uma identidade negra, perante uma sociedade extremamente racista e preconceituosa.

Com este trabalho, podemos perceber minimamente como se deu a consolidação dos clubes sociais, principalmente no Rio Grande do Sul, clubes esses que foram desde sua criação importantes para forjar uma identidade racial. Foram também importantes para que ocorresse uma socialização entre a comunidade negra, que desde seus primórdios foi impedida de frequentar espaços tidos apenas para a “população branca” e assim ter o poder de fazer suas festividades, mostrando que seus modos de festas não eram inferiores, por definição de cor.

O Clube Social Suburbanos, mesmo que com poucas informações e algumas delas bastante vagas, também é importante na conjuntura de construção de uma afirmação da identidade negra porque de uma certa maneira, tinha uma preocupação em inserir esses negros na sociedade, apropriando-se de contrastes que lhes eram impostos por uma “raça” que se dizia a melhor, capaz e com possibilidades de viver em sociedade.

Logo, este trabalho ainda não se encerra aqui. Primeiramente, porque as informações que foram utilizadas a respeito desta sociedade não são únicas, logo, não devemos descartar a possibilidade de surgir novas informações e contradições. E em segundo lugar, porque não devemos jamais esquecer o quão importante a população negra foi para a construção dessa sociedade e sobretudo, das dificuldades e injustiças impostas para essa comunidade, dificultando assim, a sua inserção nos diversos ramos da sociedade.

A consolidação de um bloco de carnaval, enquanto clube nos afirma que apesar de todo o estigma em relação à população negra, de que eles não eram capazes de uma organização de seus próprios espaços e nem da convivência em sociedade, eles criaram mais do que a consolidação desses espaços. Criaram todo um Movimento para a posituação da sua identidade, criaram meios de circulação de notícias, redes de ajuda mútua e forjaram estratégias para que os seus espaços continuassem de pé. E todas essas

evidências nos afirmam que a comunidade negra é muito mais ampla e complexa do que imaginamos.

E com todas essas práticas forjadas pelos negros, desde antes da abolição, quando eles precisavam se unir e organizar para que alcançassem seus objetivos, vemos o quão protagonistas da sua própria história eles foram. E mesmo sofrendo preconceitos e sendo estigmatizados pelos “brancos” e assim, colocados à margem da sociedade, eles mostraram o quão poderiam protagonizar, não apenas sua história, mas também a história da sociedade em que estavam inseridos e lutar contra o preconceito e conquistar seus espaços dentro da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREWS, George. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1998)*. Bauru. EDUSC, 1998.
- AGUIAR, Márcio Mucedula. *Os clubes negros e seu papel na constituição da identidade e movimento negro: a história do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio em São Paulo- SP*. Revista InterAÇÕES- Cultura e comunidade. V. 2, n.2, p. 91-105, 2007.
- AL-ALAM, Caiuá Cardoso; LISCANO, Marcel Galarça; ROSA, Shirlei Pereira da; SILVEIRA, Darlize Martinez. *Resistência Negra em Jaguarão/RS: Primeiras notas sobre o Clube Suburbanos*. 2015. (Artigo realizado em conjunto para apresentação no VII SIEPE, sob orientação do professor dr. Caiuá C. Al-Alam. PET- História. Outubro/2015.)
- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT & STREIFF-FENART. São Paulo Editora da Unesp, 1998.
- CUNHA JR., Henrique. *Textos para o movimento negro*. São Paulo: Ed. Edicon, 1992.
- DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. 2006.
- _____. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v.12, n.23, p. 100-122, 2007.
- ESCOBAR, Giane. *Clubes Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2010.
- FRYDBERG, Marina Bay. *Seguindo o cordão: Uma etnografia das trocas nos blocos de carnaval de rua na cidade do Rio de Janeiro*. UFF/RJ, 2014. (Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.).
- GOMES, Fabrício Romani. *Sob a proteção da Princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro em Caxias do Sul (1934-1988)* UNISINOS, 2008.
- JESUS, Nara Regina Dubois de. *Clubes Sociais em Porto Alegre/RS: a análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e questão de identidade racial*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UFRGS. Porto Alegre, 2005.
- LONER, Beatriz Ana. *Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros*. XXIII Simpósio Nacional de História- ANPUH- Londrina, 2005.
- LONER, Beatriz Ana; ALMEIDA GILL, Lorena. *Clubes carnavalescos na cidade de Pelotas*. Estudos Iberos- Americanos vol. 35, Núm. 1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

LOPES, Taiane Naressi. *Protagonismo feminino entre regras e padrões: Uma história das mulheres negras do Clube Social 24 de Agosto*, 2014. (Trabalho de Conclusão de Curso em História- Licenciatura)

MAGALHÃES, Magna Lima. *Entre a preteza e a brancura brilha o cruzeiro do Sul: Associativismo e identidade negra em uma localidade teuto- brasileira (Novo Hamburgo/RS)* Tese (Doutorado em História) Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS. São Leopoldo, 2010.

MÜLLER, Liane. *As contas do meu rosário são balas de artilharia*. 1999. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NUNES, Juliana dos Santos. *“Somos o Suco do Carnaval!” A marchinha Carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto*. Monografia (Conclusão de curso em Licenciatura em História) UFPEL. Pelotas, 2010.

PEREIRA, Amilcar A. *O Movimento Negro Brasileiro: Aspectos de lutar por educação e pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil” ao longo do século XX*. Apresentação no XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH- São Paulo, 2011.

PINTO, Regina Pahin. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. São Paulo. Tese de Doutorado. FFLCH- USP, 1993.

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou “A Alvorada”*: Intelectuais negros e imprensa. Editora e Gráfica Universitária- UFPEL, Pelotas, 2003.

SCHCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. São Paulo, 2012.

SCHMIDT, Maria Luisa; MAHFOUD, Miguel. *Halbwachs: Memória coletiva e experiência*, USP, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das Raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870- 1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Fernanda Oliveira da. *Associativismo Negro em Pelotas no pós-abolição: membros dos clubes sociais negros, articulistas do A Alvorada e militantes da Frente Negra Pelotense (1933-1937)*. Artigo apresentado no 5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional.

SILVA, Fernanda Oliveira da. *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento destes espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)*. PUC, 2011.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 1999.

VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de “etnicidade” na obra de Fredrik Barth. MANA 10(1): 165-192, 2004.

Outras referências

- Entrevista com Aldací Machado, realizada em 13/11/2014. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. PET- História. 2014

- Entrevista com Clodoveu Batista Soares, realizada em 11/12/2014. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. PET- História. 2014

- Entrevista com Pedro Ivo Ferreira, realizada em 23/10/2014. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. PET- História. 2014

- Entrevista com Neir Madruga Crespo, realizada em 02/12/2014. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. PET- História. 2014

- Entrevista com Sônia Maria Barbosa Aguiar, realizada em 21/10/2014. Laboratório de História Social e Política. Banco de História Oral. PET- História. 2014

- Entrevistas com Clodoveu Batista Soares, realizadas em 10/09/2015 e 03/10/2015

- Entrevista com Marlí Machado, realizada em 25/09/2015

- Livro de Atas do Clube Suburbanos dos primeiros anos (1962- 1967) Fonte: Acervo Clube Social 24 de Agosto

- Estatuto de Clube Suburbanos, registrado no ano de 1965. Fonte: Acervo Clube Social 24 de Agosto

- Fotos do Bloco Suburbanos e de festas no Clube. Fonte: Acervo pessoal Marlí Chagas.